



revistafidelidade@terra.com.br • ano V • Set-Out2007 • nº 60-61 • R\$10,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**



Em Busca da Felicidade



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

6 CHICO

CUIDADO COM O LIVRO MEDIÚNICO

Coerência entre a obra de Chico Xavier e a Codificação

10 REFLEXÃO

PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

Façamos o nosso melhor para sermos o trigo

12 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA

Questões sobre mediunidade

14 CAPA

EM BUSCA DA FELICIDADE

Será que ela existe?

22 MENSAGEM

O HUMANO E O DIVINO

Belas palavras do espírito Vinícius

24 HOMENAGEM

AOS JOVENS ESPÍRITAS

Conheçamos os jovens que ajudaram e ajudam na divulgação de nossa doutrina

27 COM TODAS AS LETRAS

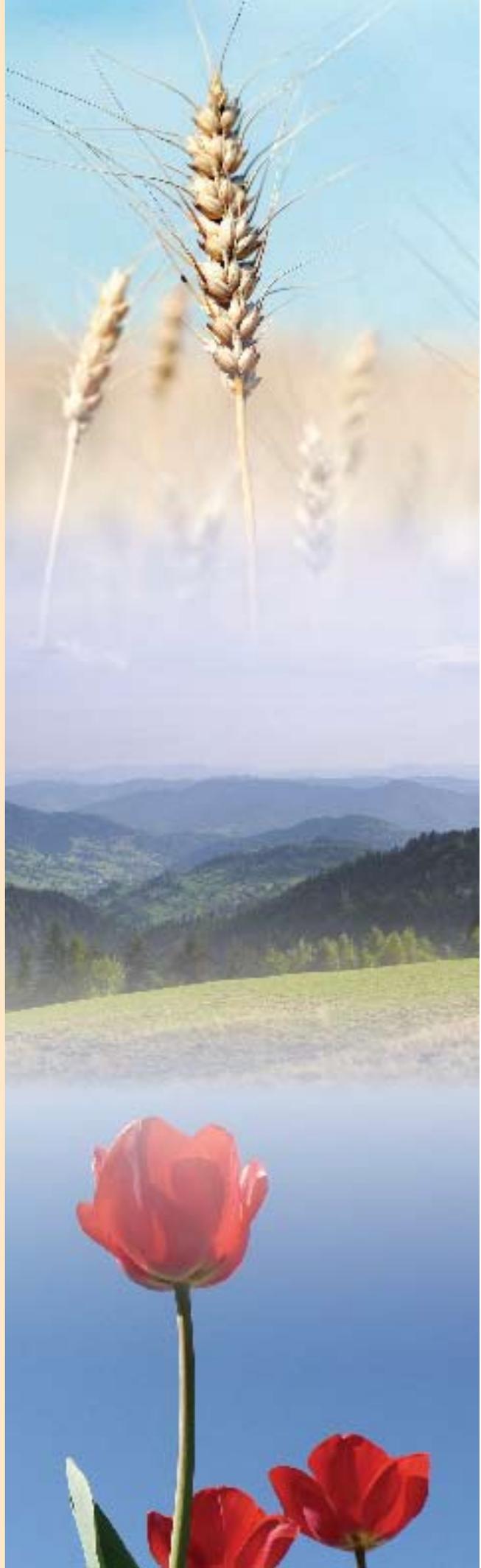
PEDIR PARA É PEDIR PERMISSÃO

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica



O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



De todas as dificuldades presentes no processo da comunicação mediúnica, a maior delas, freqüentemente, encontra-se no campo mental e emocional do próprio médium.

Pensamentos desconexos, preocupações exageradas, apego excessivo, mágoas, ressentimento, ciúme, rancor e dúvida são estados de alma que interferem no psiquismo mediúnico, erguendo verdadeiras barreiras à comunicação entre os dois lados da vida.

Não são poucas as vezes em que os servidores desencarnados, dedicados ao socorro e ao esclarecimento, têm de transpor grandes obstáculos encravados no mundo interior do mediano.

Alheios a isso, inúmeros companheiros da mediunidade seguem descuidados dos próprios pensamentos e emoções, imaginando que o fato de abrigarem a faculdade ostensiva os desobriga de outros cuidados.

Muitos esbarram no misticismo, apegando-se a providências esdrúxulas de ordem exterior, enquanto outros se deixam levar pelo fanatismo, desvirtuando o objetivo do intercâmbio.

Preocupam-se com a dieta alimentar, evitando excessos que possam interferir no equilíbrio orgânico, mas se esquecem de praticar o jejum de idéias e emoções destrutivas.

Gastam tempo em polêmicas inúteis em torno de providências corriqueiras, mas não cuidam de arrumar a própria casa mental, que requer higiene de pensamento e equilíbrio emocional.

Com isso, não queremos dizer que os cuidados com o corpo e a adequação do ambiente sejam desnecessários. Entretanto, é preciso compreender que, em se tratando de mediunidade, o aspecto psíquico tem primazia.

As entidades interessadas na difusão do bem necessitam da ressonância psíquica oferecida pelos médiuns. Como esperar que a luz do luar se reflita na lama ressequida?

Necessário entender que não há intercâmbio útil sem equilíbrio interior. E não pode existir equilíbrio interior sem autoconhecimento.

Assim, pratica o exercício sadio da renovação mental.

Não permitas que emoções destrutivas e pensamentos sombrios criem raízes em teu interior.

Por certo, no mundo, ninguém estará livre de lutas e preocupações.

Entretanto, haverá inúmeras maneiras de reconquistar a paz.

Recorre à prece;

Lê uma página de idéias libertadoras;

Medita na bondade divina, que não desampara ninguém.

Harmoniza-te com o cosmos, do qual és parte viva e integrante.

Sob a superfície do Eu, gravitam incontáveis potencialidades que te enriquecem a alma.

Vitalizá-las significa superar o ego e sintonizar com o amor universal. Quem já aprendeu a ler o mundo e a si mesmo pela cartilha do amor, sabe apaziguar-se por dentro, a fim de ressoar consolação e luz.

Medita nisso, buscando renovar-te a cada dia, porque não basta te apresentares como instrumento fenomênico. Imprescindível que o fenômeno propicie consolação e esclarecimento, a fim de enquadrar-se na lista dos serviços verdadeiramente úteis. Para isso, cabe a cada um remover, pelo próprio esforço, as barreiras psíquicas existentes em si mesmo, vivenciando o Evangelho.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. Págs. 69 - 73. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP

CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Nossos Critérios Editoriais

Não se saberia, pois, cercar-se muito de precauções para evitar as publicações lamentáveis; mais vale, em semelhante caso, pecar por excesso de prudência, no interesse da causa.

Allan Kardec Revista Espírita 1863 pág. 159

Da Redação

Com o propósito de divulgação e de Fidelidade ao Espiritismo, esta revista se preocupa com a qualidade doutrinária dos seus artigos. Num período de popularização da doutrina, onde uma enxurrada de idéias antidoutrinárias ocorrem caudalosamente em nosso movimento, se faz necessário um critério editorial.

Todavia, recorremos aos textos de Allan Kardec e encontramos na Revista Espírita de 1963, maio – as seguintes orientações que fundamentam nosso trabalho:

(...) Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para dela fazer sua instrução pessoal, mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais...

(...) O que dizemos não é para desencorajar de fazer publicações, longe disso, mas para mostrar a necessidade de uma escolha rigorosa, condição sine qua non de sucesso...

Em resumo, publicando-se as comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil; publicando aquelas que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem.

Com efeito, desenvolvemos um critério próprio, cujo modelo figura ao lado desta página, a fim de que nossos leitores possam estar tranquilos quanto ao cuidado na análise dos artigos que nos são enviados. Da mesma maneira, pedimos aos escritores que os textos, a nós endereçados, estejam rigorosamente dentro destes critérios.

Talvez que nos perguntem: Não será exagero?

Ao contrário de muitos jornais e revistas espíritas que dizem: Não nos responsabilizamos pelos artigos assinados; a revista FidelidadESPÍRITA responsabiliza-se, doutrinariamente, por todos os artigos nela publicados por entender que expressem os postulados espíritas.

Por isso, julgamos que todo cuidado é pouco, por respeito à Doutrina Espírita e ao público leitor.

A seguir, apresentamos aos respeitáveis leitores e aos lúcidos articulistas **Nossos Critérios Editoriais:**



Título do Artigo: _____

Avaliação em: _____

Articulista: _____

Por: _____

Itens avaliados:

- ✓ Tema
- ✓ Composição
- ✓ Linguagem
- ✓ Coesão
- ✓ Conteúdo Doutrinário
- ✓ Total

Critério para publicação:

- 0 – 3 → Não publicar
- 4 – 5 → Não publicar. Fazer correções necessárias, arquivando o material.
- 6 – 7 → Não publicar inicialmente. Corrigir cuidadosamente os erros ortográficos e principalmente os doutrinários. Fazer nova avaliação do texto corrigido, publicando o artigo, com as devidas alterações, somente na ausência de textos melhores e com muita reserva.
- 8 – 10 → Publicar, priorizando os de notas 10.

Atenção: Na avaliação, assinalar todos os itens que julgar necessários. Ao final, verificar quais os quadrados assinalados dispõe de valores na frente. Transcreva os números para os quadrados maiores; some e coloque o resultado no último quadrado grande na parte superior direita. Assinalando, a seguir, no local indicado, a nota que possibilitará publicação ou não.

1 – Análise textual (2 pontos)a) Quanto ao **Tema**, o texto:

- Foge completamente ao tema.
- Explora o assunto, mas aborda superficialmente o tema.
- Aborda parcialmente o tema.
- (0,5) Aborda adequadamente o tema.

b) Quanto ao tipo de **Composição**

Dissertação, poesia, conto, etc...

- Foge totalmente.
- Foge parcialmente (mistura modalidades textuais).
- Atende ao tipo, porém, apresenta falhas de estrutura.
- Atende ao tipo, mas não utiliza todos os seus recursos.
- (0,5) Apresenta bom aproveitamento do tipo de composição.

c) Quanto ao nível de **Linguagem**:

- Insuficiência vocabular e erros gramaticais.
- Variedade, entretanto, falha em propriedade vocabular e adequação gramatical.
- (0,5) Adequação gramatical e vocabular.

d) Quanto à **Coesão** do texto:

- É composto de frases soltas.
- Apresenta falhas de encadeamento (repetição excessiva de itens, frases incompletas ou emendadas).

- Falta de adequação ao tema.
- Falta de coesão entre as idéias.
- Idéias contraditórias ou ambíguas.
- (0,5) Coerência absoluta.

2 – Análise Doutrinária (8 pontos)a) Quanto ao **Conteúdo Doutrinário**:

- (0,5) Não causa conflito.
- (0,75) Desperta interesse positivo.
- (0,5) Cita as fontes corretamente.
- (1,0) As fontes são de autores doutrinariamente corretos.
- (1,0) São exatas todas as citações sobre personagens da história, ou referências bíblicas / evangélicas.
- (1,25) É útil para a edificação geral.
- (2,0) Doutrinariamente correto.

b) Quanto às **Idéias**:

- Desperta interesse, mas causa conflitos.
- Tem idéias conflitantes com o Espiritismo.
- É de interesse privado, particular.
- É vulgar no estilo e nas idéias.
- É fútil, pueril, e nada contribui.
- Inadequado quanto ao fundo.
- (1,0) Bom quanto ao fundo.

Cuidado com o Livro Mediúnico

- coerência entre a obra de Chico Xavier e a Codificação - Três fases distintas da obra

por Suely Caldas Schubert

 24/8/1947

(...) Recebi a cópia das cartas trocadas entre o querido amigo e o Dr. Camilo Chaves, documentação essa que te restituo, em anexo, com os meus agradecimentos. Muito bem inspirado foi o Presidente da União Espírita Mineira convidando-te. Compreendo as tuas razões e vejo que foste muito feliz, apresentando o Dr. Ludolf para falar em teu nome na Capital Mineira. Tenho, com os demais companheiros, a esperança de que virás a Minas em ocasião oportuna. Não vou à União desde 1940. Penso que em breve tempo irei lá numa noite de domingo para um abraço aos amigos. Soube que a presidência do Dr. Camilo Chaves tem trabalhado intensivamente.

Recebi o “Brasil, Coração do Mundo” com as tuas anotações. Li o lembrete que me mandaste e agradeço-te a bondade e a confiança. Sabes do respeitoso carinho que me merecem todas as medidas filhas de tua orientação, entretanto, peço-te licença para ponderar sobre a conveniência de adiarmos o feito. Se fosse apresentada uma quarta edição revista pelo autor espiritual, nosso gesto poderia traduzir, para muitos, temor

ou excessiva consideração para com o bloco que nos acusa de interpolar os textos mediúnicos, porque não tendo havido uma providência desta, em qualquer edição dos livros recebidos em Pedro Leopoldo, desde a publicação do “Parnaso”, há quinze anos, a mudança seria extremamente chocante.”

Ainda a questão havida com o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. Nota-se o cuidado de Chico Xavier em manter a coerência de comportamento, a prudência e o equilíbrio nas atitudes.

“Além disso – considera Emmanuel –, o trabalho nosso é de cooperação e nem ao próprio autor espiritual pode ser conferida a responsabilidade exclusiva do serviço, de vez que o Dono da Obra é Jesus, de quem estamos recebendo possibilidades para contribuir na sementeira da luz”

O texto acima é verdadeira revelação para todos nós quanto ao minucioso cuidado de que se reveste a obra de Chico Xavier. Pelas palavras de Emmanuel começamos a vislum-



brar em maior profundidade o que representa a programação espiritual do médium mineiro. Programação da qual este é dócil instrumento, seguindo à risca a rígida disciplina traçada de comum acordo.

Observemos que o autor espiritual está plenamente integrado em todo esse contexto. Ele não vem transmitir o seu recado por acaso, por estar disponível ou para atender aos seus parentes e amigos. Há sempre uma finalidade maior. Visando esse fim útil e providencial é que se apresenta ao médium, dentro de um esquema traçado para que a mensagem seja transmitida.

A propósito, é bom lembrarmos a resposta de Erasto a uma pergunta do Codificador: “Não creias que a faculdade mediúnica seja dada somente para correção de uma ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo. Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que oferecem as facilidades necessárias.” (O Livros dos Médiuns”, cap. XX, item 226, questão 5.)

Nota-se a perfeita identidade entre o pensamento de Erasto e o de Emmanuel quando este diz que o Dono da Obra é Jesus, que nos concede a honra de servir na sua seara.

Também no livro “Missionários da Luz”, cap. 1, André Luiz nos dá notícias de uma reunião mediúnica para a qual havia seis comunicantes programados. Entretanto, apenas um médium estava em condições de trabalho, o que levou o instrutor

espiritual Alexandre a determinar que o grupo apenas receberia “o que se relacionasse com o interesse coletivo”. Novamente verificamos a coerência e a finalidade doutrinária da obra mediúnica de Chico Xavier.

“Assim pois, autores desencarnados, médiuns e missionários do trabalho humano se entrosam, compulsoriamente, para que brilhe uma só luz – a Luz do Senhor –, da qual todos nós temos sede há longos séculos. Não podemos, em vista disso, deixar um livro mediúnico

prosseguir à solta, sem o nosso cuidado e sem o nosso amor para com ele, sempre que estivermos ligados à espiritualidade superior pelo desejo de alcançá-la.”

A cada passo vamo-nos inteirando dos extremos de vigilância e cuidado que o mediunato exige. Não há, no programa de Chico Xavier, uma vontade única, o interesse de uma pessoa ou de um Espírito, mas sempre o conjunto harmônico de uma equipe de trabalho com programa específico, onde cada elemento tem tarefas definidas, com vistas ao fim maior de difundir o Consolador Prometido por toda a Humanidade.

Se nos detivermos com mais atenção na missão de Chico Xavier, encontraremos no seu transcurso fases nítidas, marcantes, assinalando

determinadas épocas onde o tipo de labor atende a faixas evolutivas próprias. Mas é interessante também registrar que, mesmo com essas fases diversas, houve de maneira geral, três períodos bem distintos. Para nossa compreensão, usaremos a mensagem de Emmanuel, cap. 29 do livro “Seara dos Médiuns”, que assim se inicia:

“A intervenção franca do Plano Espiritual, no Plano Físico, pode ser admitida no conceito popular como embaixada portadora de metas decisivas, a definir-se em três

A cada passo vamo-nos inteirando dos extremos de vigilância e cuidado que o mediunato exige

períodos essenciais: aviso, chegada e entendimento.”

Extrapolando para o caso de Chico Xavier, vamos encontrar com a publicação de “Parnaso de Além-Túmulo” a fase do aviso da tarefa que se inicia. Esse aviso veio através de quatorze poetas, num total de sessenta produções mediúnicas.

Não poderia haver mais bela forma de se apresentarem. Cantando a imortalidade da alma, os poetas desencarnados, ao mesmo tempo em que trazem notícias de continuidade da vida, consolam as almas terrenas.

Foi, portanto, um aviso retumbante que ecoou por todo o País.

Em seguida, a época dos livros “Emmanuel”, “A Caminho da Luz”, “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, “Paulo e Estevão” e

CHICO

dos romances épicos determinando a chegada da equipe espiritual, que então inicia realmente seu mister.

Finalmente, com o livro “Nosso Lar”, de André Luiz, instala-se o terceiro período: o do entendimento. Nesse momento, os Embaixadores da Luz se aproximam de nós para narrar as minúcias da vida espiritual, para trazer notícias da vida além da vida, aprofundando-se nos mistérios da existência humana, que então se tornam claros e acessíveis ao entendimento comum.

É a coleção de André Luiz que vai sendo ditada aos poucos; o início dos livros infantis; a série “Caminho, Verdade e Vida”, “Pão Nosso”, “Vinha de Luz” e “Fonte Viva”; é a época de “Ave, Cristo!”, que encerra o ciclo dos romances; os livros “Roteiro” e “Pensamento e Vida”, e a notável série de livros em que Emmanuel comenta as obras da Codificação.

A compreensão se instala.

Alargam-se os horizontes.

Instala-se a esperança consciente.

Interpenetram-se as duas humanidades, fundindo-se numa só: “Um só rebanho, um só Pastor.”

E o entendimento não se circunscreve apenas aos doutos. Mas estende-se a todos os corações em diversificadas formas.

A partir daí a obra está consolidada.

“Não podemos, diz Emmanuel, deixar um livro mediúnico prosseguir à solta, sem o nosso cuidado e sem o nosso amor para com ele, sempre que estivermos ligados à espiritualidade superior pelo desejo de alcançá-la.” No trabalho de Chico Xavier, esse cuidado e esse amor são uma lição para nós. Quantos livros mediúnicos vemos publicados sem esses devidos cuidados. São obras inacabadas. Evidenciam o despreparo e a precipitação do médium, que deseja tornar público o seu trabalho.

No final dessa frase de Emmanuel, ele nos transmite a condição essencial que identifica a qualidade do labor, quando complementa: “(...) sempre que estivermos ligados à espiritualidade superior pelo desejo de alcançá-la.”

Ainda na mesma carta Chico escreve o que continua ouvindo de Emmanuel:

“A forma de apresentação do trabalho espiritual no mundo receberá, assim, obrigatoriamente, o concurso dos companheiros de boa vontade, porque a entidade comunicante não poderá, pela diferença de plano, acompanhar o esforço dos filólogos e dos tipógrafos. Não pode haver uma edição sem aprimoramento e sem corrigenda, porque existirá sempre uma falha, na forma, aqui e ali, exigindo retificação. Desse modo, esse serviço é nosso, no mundo em que nos encontramos, de vez que se reclamássemos a vinda dos autores espirituais para os reajustamentos precisos, isso desencorajaria os companheiros desencarnados de romperem pesadas fronteiras de sombra para virem até nós, ajudando-nos a orientar a mente para mais alto. Estamos, assim considerando, com a estrada aberta à cooperação, na qual tudo devemos fazer para não falhar, despreocupando-nos de qualquer opinião do mundo, aparentemente mais respeitável. Naturalmente, devemos exercer a nossa faculdade de colaborar, sem abuso, mas cientes de que é um dever zelar pela melhor apresentação dos frutos espirituais.”

Emmanuel evidencia aí, com clareza, o trabalho de equipe.

Muitas pessoas julgam que o autor espiritual transmite a obra perfeita e absolutamente pronta, não concebendo que lhe sejam feitos retoques, corrigendas e modificações na sua forma de apresentação. Acham mesmo que, se ▶

**A compreensão se instala.
Alargam-se os horizontes.
Instala-se a esperança consciente.**

tal ocorrer, a mensagem perde a sua autenticidade.

Vejam os que Allan Kardec diz a esse respeito:

“Daí decorre que, salvo algumas exceções, o médium exprime o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que lhe estão à disposição e também que a expressão desse pensamento pode e deve mesmo, as mais da vezes, ressentir-se da imperfeição de tais meios. Assim, o homem inculto, o campônio, poderá dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas e as mais filosóficas idéias, falando como campônio, porquanto, conforme se sabe, para os Espíritos o pensamento a tudo sobrepuja. Isto responde a certas críticas a propósito das incorreções de estilo e de ortografia que se imputam aos Espíritos, mas que tanto podem provir deles, como do médium. Apegar-se a tais coisas não passa de futilidade. Não é mais pueril que se atenham a reproduzir essas incorreções com exatidão minuciosa, conforme o temos visto fazerem algumas vezes. Lícito é, portanto, corrigi-las, sem o mínimo escrúpulo, a menos que caracterizem o Espírito que se comunica, caso em que é bom conservá-las, como prova de identidade.” (“O Livro dos Médiuns”, cap. XIX, item 224.)

Há perfeita consonância entre Emmanuel e Allan Kardec.

O Mentor espiritual de Chico Xavier é bastante claro quando esclarece que os Espíritos não teriam condições de permanecer plenamente atualizados com a evolução de um idioma. Em linhas gerais isto pode acontecer, mas o mesmo não será viável quanto aos detalhes, nas particularidades de uma língua.

Por outro lado, pouco atentamos para o fato de que uma comunicação mediúmica é algo bastante complexo. Acostumamo-nos a exigir demais dos médiuns, comprovando assim o nosso milenar egoísmo.

“Nossa tarefa é também de servirmos ao “desembarque das idéias renovadoras”, garantindo-lhes o curso entre os nossos irmãos em Humanidade e, nesse trabalho, devemos estar firmes como um cais. As ondas revoltas da opinião e da desconfiança baterão contra nós, todos os dias, mas continuemos inabaláveis e venceremos tudo.”

Aqui termina o que ouvi de nosso amigo espiritual.”

Importante declaração de Emmanuel quando se refere ao “desembarque de idéias renovadoras”, o que vem confirmar que o conjunto de todos esses ensinamentos verte do Plano Maior. A obra mediúmica de Chico Xavier não é, pois, de iniciativa apenas de Emmanuel e sua equipe, mas obedece ao programa de Ismael para a implantação da Doutrina Espírita em nosso País.

Usando a imagem do cais, ele fala na responsabilidade daqueles que estão dentro de um planejamento de tal envergadura, a de garantir-lhe o curso entre os homens. Não é só trazer e desembarcar as idéias renovadoras do plano espiritual para o plano terrestre, mas zelar a fim de que cheguem aos destinatários. E para que isto aconteça, precisam estar firmes e seguros, enfrentando as ondas das críticas, das perseguições, dos comentários desairosos, todos os dias, e permanecendo inabaláveis no propósito de vencerem a tudo.

“Esperarei, porém, a tua resolução e se julgares conveniente que eu ponha as retificações com a minha letra, atenderei ao teu desejo. De uma coisa poderemos estar certos – é de que nunca estaremos livres da perseguição e da leviandade dos nossos adversários gratuitos. Eles nos cercarão, através de todos os lados. Mais vale recebê-los com paternal vigilância que dispensar-lhes excessiva consideração. (...)”

Chico está cômico de que sofrerão sempre o cerco dos adversários gratuitos e acrescenta, judiciosamente, que se lhes deve dispensar vigilância paternal em vez da consideração excessiva. Um espírito superior não se detém a ocupar-se de coisas indignas de si: *Aquila non capit muscas.* ♦

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 164 - 171. Feb. 1998.

Parábola do joio e do trigo

por Rodolfo Calligaris

O reino dos céus – disse o Cristo – é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas, enquanto os servos dormiam, veio um inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se.

Quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio.

Chegando os servos ao dono do campo, disseram-lhe:

em feixes para queimar, mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro.” (Mat., 13:24-30)

A significação dessa parábola parece-nos de uma nitidez meridiana.

O campo somos nós, a Humanidade; o semeador é Jesus; a semente de trigo – o Evangelho; a erva má – as interpretações capciosas de seus textos; e o inimigo – aqueles que as têm lançado de permeio com a

Ajuntai primeiro o joio e atai-o em feixes para queimar, mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro

- Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? donde, pois, vem o joio?

E ele lhes disse:

- Homem inimigo é que fez isso.

Os servos continuaram:

- Queres, então, que o arranquemos?

- Não – respondeu ele -, para que não suceda que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros:

- Ajuntai primeiro o joio e atai-o

lídima doutrinação cristã.

Mas o Divino Mestre fizera a boa sementeira, pregando e exemplificando o amor entre os homens, como condição indispensável ao advento de um clima de entendimento fraterno no mundo, eis que os supostos herdeiros de seu apostolado, açulados pelo egoísmo e pelo orgulho, começam a criar questiúnculas e dissensões.

A Religião do Bem, objeto de sua missão terrena, de uma simplicidade incomparável, fragmenta-se em dezenas de religiões mais ou menos aparatosas, com sacerdócio ▶



organizado, sustentando dogmas ininteligíveis, preconizando e mantendo cultos pagãos, exterioridades grotescas...

Surgem facções e subfacções,

não haverá perigo de equívoco: será ele, então, atado em feixes para ser queimado.

Coisa semelhante irá ocorrer com a Humanidade.

Aproxima-se a época em que a Terra deve passar por profundas modificações

incriminando-se reciprocamente de heréticas, heterodoxas, etc., e as que se tornam mais poderosas procuram eliminar as outras, afogando-as em sangue, aniquilando-as nas torturas e nas chamas das fogueiras...

E assim, em nome daquele que fora a personificação da tolerância, da bondade e da doçura, séculos pós séculos a discórdia lavra pela Terra, os filhos do mesmo Deus empenham-se em lutas fraticidas, e milhares de vítimas sucumbem, aos golpes da mais estúpida e feroz odiosidade que há incendiado os corações humanos!

Como pôde esse joio nascer e crescer de mistura com o bom trigo? É que, segundo a palavra de Jesus, os servos “dormiram”, isto é, deixaram de “orar e vigiar”, permitindo, assim, que o erro ganhasse raízes.

Contemplando essa confusão religiosa, muitos se admiram de que a Providência não a tenha eliminado do globo. Esse dia, entretanto, chegará.

O joio, ao brotar, é muito parecido com o trigo e arrancá-lo antes de estar bem crescido seria inconveniente, por motivos óbvios. Na hora da produção dos frutos, em que será perfeita a distinção entre ambos, já

Aproxima-se a época em que a Terra deve passar por profundas modificações, física e socialmente, a fim de transformar-se num mundo regenerador, mais pacífico e, conseqüentemente, mais feliz.

Quando os tempos forem chegados, todos os sistemas religiosos, que se hajam revelado intolerantes e opressores, cairão reduzidos a nada, e todos quantos não se afinem, com a nova ordem das coisas, conhecerão o “fogo” da expiação em mundos inferiores, mais de conformidade com o caráter de cada um.

Por outro lado, as almas avessas à guerra, à maldade, ao despotismo, enfim a tudo quanto tem impedido o estabelecimento da fraternidade cristã entre os homens de todas as pátrias e de todas as raças, estas hão-de merecer o futuro lar terrestre, higienizado em sua aura astral e equilibrado em suas condições climáticas, gozando, finalmente, a paz, a doce e alegre paz, de há muito prometida às criaturas de boa vontade. ♦

Fonte:

CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas Evangélicas*.
Págs. 13 - 16. Feb. 2004.



Diretrizes de Segurança



por Raul Teixeira e Divaldo Franco

01. Qual a finalidade da mediunidade na Terra?

Divaldo – A mediunidade é, antes de tudo, uma oportunidade de servir. Bênção de Deus, que faculta manter o contato com a vida espiritual. Graças ao intercâmbio, podemos ter aqui, não apenas a certeza da sobrevivência da vida após a morte, mas também o equilíbrio para resgatarmos com proficiência os débitos adquiridos nas encarnações anteriores. É graças à mediunidade que o homem tem a antevisão do seu futuro espiritual, e, ao mesmo tempo, o relato daqueles que o precederam na viagem de volta à Erraticidade, trazendo-lhe informes de segurança, diretrizes de equilíbrio e a oportunidade de refazer o caminho pelas lições que ele absorve do contato mantido com os desencarnados.

Assim, a mediunidade tem uma finalidade de alta importância, porque é graças a ela que o homem se conscientiza das suas responsabilidades de espírito imortal. Conforme afirmava o Apóstolo Paulo, se não houvesse a ressurreição do Cristo, para nos trazer a certeza da vida espiritual, de nada valeria a mensagem que Ele nos deu.

*A mediunidade
é, antes de
tudo, uma
oportunidade
de servir*

02. Há mediunidades mais importantes que outras? E médiuns mais fortes que outros?

Raul – Verdadeiramente não pode haver mediunidades mais importantes que outras, nem médiuns mais fortes do que outros. Existem médiuns e mediunidades. Segundo Paulo de Tarso, existem os “dons” e ele se refere à visão, à audição, à cura, à palavra, ao ensino, mas disse que um só é o Senhor¹. Eles provêm da mesma fonte. Os indivíduos que psicografam, que psicofonizam, que materializam, poderão todos realizar um trabalho apostolar, na realidade em que se encontram.

Não é o número de possibilidades que dá importância ao médium. O que engrandece espiritualmente o médium é aquilo que ele faz com os dons que possua. Verificamos que a importância do médium se localiza na honra que tem de poder servir.

Não existem médiuns mais fortes que outros, na Doutrina Espírita, mas, sim, os que são mais dedicados que outros, mais afervorados que outros, que estão renunciando à matéria e efetuando o esforço do auto-aprimoramento mais que outros. Isso ocorre. E é esse esforço para algo mais alto que confere ao médium, ou a outro servidor qualquer, melhores condições de estar à frente na lide. Mas isso não significa que o que venha na retaguarda não poderá alcançá-lo, realizando os mesmos esforços.

Conversando, oportunamente, com um grupo de amigos, o nosso venerável Chico Xavier dizia para os companheiros que o questionavam que o dia em que não chora, não viveu. Deprendemos disso que quanto mais se alteia a mediunidade, colocando aquele que dela é portador numa posição de destaque, numa posição de claridade, naturalmente, os que não desejam a luz mais atirarão pedras à “lâmpada”, tentando quebrá-la, quando não desejam derrubar o “poste” que a sustenta.

Daí, o médium mais importante ser aquele que mais disposto esteja para enfrentar essas lutas em nome do Cristo, Médium de Deus por excelência, e o mais importante Senhor da mediunidade que conhecemos.

Não caberá nenhum desânimo a nenhum de nós outros que ainda nos localizamos numa faixa singela de mediunidade, galgando os primeiros passos. Isto porque já ouvimos companheiros que gostariam de receber mensagens como o Chico recebe, desejariam receber obras daquele talante, desejariam ser médiuns da envergadura desse ou daquele companheiro que se projeta na sociedade, mas desconhecem a cota de sacrifícios diários, de lutas, de lágrimas, de renúncias a que eles têm de se predispor e se dispor. Por isso, em Espiritismo, não há médiuns superiores a outros, nem mediunidades mais importantes que outras; existem oportunidades para que todos nós tomemos a charrua da evolução sem olharmos para trás, crescendo sempre. ♦

Fonte:

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Dirigentes de Segurança*. Págs. 17 - 19. Frater, 2002.

¹ Paulo, I Cor. 12:1 a 11



Em Busca da Felicidade

por Therezinha Oliveira



A FELICIDADE EXISTE?

À entrada do cinema, o título do filme chamava atenção: “Quero ser feliz”. Retratava a sede humana de felicidade, por um estado de perfeita ventura, dita perfeita, inteiro contentamento, satisfação plena.

E me recordei do poeta Vicente de Carvalho, no seu soneto “Velho tema” a nos falar desesperançado:

*Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais, a existência resumida,
Que uma grande esperança malograda.*

Entretanto, há quem ostente felicidade traduzida em seus risos e sorrisos, como artistas e apresentadores de televisão. Bem, mas talvez o façam por obrigação, para agradar o público e, assim, terem seu lugar ao sol.

É como disse Raimundo Correia, em “Mal secreto”:

*Quanta gente que ri, talvez, consigo,
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Qual invisível chaga cancerosa!
Quanta gente que ri, talvez, existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!*

Então, a felicidade não existe, mesmo?
Voltando a Vicente de Carvalho, aprenderemos:

*Existe, sim, mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.*

Estaria, então, a felicidade no nosso modo de entender e de sentir?

Como aquele menino que ganhara no Natal a bicicleta que pedira, mas ficara infeliz ao ver que era azul e não vermelha como queria, enquanto um menino pobre, encontrando ao lado do seu estrado um pouco de estrume, comentava feliz: Papai Noel me trouxe um cavalinho de presente, só que ele está passeando por aí.

Ah, este menino não era realmente feliz, iludia-se, não havia o motivo pelo qual se alegrava...

Será a felicidade apenas uma ilusão?



DE QUE DEPENDERÁ?

De haver condições básicas reais para a felicidade. Quais serão?

**POSSES MATERIAIS?**

Conta-se que, encontrado, depois de exaustivas buscas, um homem que se sentia inteiramente feliz, pediram-lhe que emprestasse sua camisa para que o seu rei, doentiamen-te tristonho, pudesse também sentir-se bem.

Mas, que surpresa atordoante! O homem feliz não tinha camisa...

Enquanto uns dizem que o dinheiro não traz felicidade, outros informam, mas manda buscar, e terceiros afirmam, prefiro ser infeliz rico.

E há mesmo ricos infelizes, como os que não gozam de saúde, a apesar de poderem adquirir os alimentos mais saborosos, não os podem consumir, restritos a dietas rigorosas, às vezes sem sal e sem açúcar.

ESTARIA A FELICIDADE EM TER SAÚDE?

Certamente, estar saudável traz sensações agradáveis e nos permite usufruir mais da vida corpórea. Contudo, quantas pessoas saudáveis há que se sentem tremendamente infelizes!

QUEM SABE, A FELICIDADE É PATRIMÔNIO DA JUVENTUDE?

Certa reportagem apontou que duas jovens universitárias paranaenses, de 21 e 19 anos, que estudavam em outro estado, deixaram carta em que reconheciam pertencer a famílias de muitos recursos, mas estavam “insatisfeitas” com a vida que levavam. Eram jovens, não eram pobres nem doentes, porém, de tão descontentes, se suicidaram.

TALVEZ LHES TENHA FALTADO AMOR CORRESPONDIDO?

Dizem que no céu há um queijo que ainda ninguém conseguiu partir, destinado aos casais felizes, e o que mais se vê são casais infelizes, revelando ser muito difícil o “céu a dois”.

Mesmo quem reúna essas quatro condições, dinheiro, saúde, juventude e amor, e outras mais que se entendam necessárias, pode não ser inteiramente feliz, porque há na vida lutas naturais e dores morais, sendo impossível evitá-las todas.

Nem mesmo os hippies deixavam de sentir o desconforto em que viviam, apesar de por ele optarem, e a falta de apreço e de apoio social.

E todos nós, mesmo no que gostamos de realizar, encontramos os “ossos do ofício”, como o pintor de telas que sofre a intoxicação pelas tintas, ou o esportista que luta com o seu “cotovelo de tenista”.

Curioso é que, removida uma causa de desconforto e incômodo, outras assumem relevância. Assim é o “grilo” no carro, que o mecânico conserta, mas, daí a pouco, outro aparece. Ou a esposa que achava de ser o marido o seu problema, mas, afastado ele, sentiu-se presa na interferência de toda a família.

Supondo que pudéssemos suprimir todas as dificuldades e problemas, acaso alcançaríamos da felicidade? Ou ainda sentiríamos a insatisfação ou tédio, indagando-nos: A vida é só isso? Porque não basta não sentir mal-estar, é preciso sentir bem-estar para sermos felizes.

SUA INSTABILIDADE

Mesmo que tenhamos condições básicas reais para a felicidade, e saibamos valorizar as condições que já temos, mesmo que coloquemos nossa perspectiva em algo que podemos atingir e ter, ainda assim talvez não sejamos felizes.

Porque a felicidade neste mundo é instável. Não podemos deter as situações prazerosas, uma vez que elas também se transformam a cada instante. Lamentava o seresteiro, em conhecida canção:

*Felicidade para que me vieste
Se após partiste e não mais voltaste! (...)
Eu te quis tanto porque pensava
que se viesses não mais te irias (...)
que sempre fosses a minha escrava
que te alongasses pelos meus dias!
Felicidade, tu não conheces
A dor que mata de uma saudade,
Felicidade, para que me vieste?
Por que te foste, felicidade?*

ESPIRITISMO E FELICIDADE HUMANA

Neste ponto, talvez comecemos a nos indagar se o Espiritismo pode oferecer alguma contribuição para a nossa felicidade...

Verifiquemos, lembrando quanto a Doutrina Espírita nos vem ensinando.

Primeiramente, ela nos alerta que, embora ligados ao corpo, somos seres espirituais. Há disso provas experimentais nas manifestações anímicas, que se dão fora do corpo ou sem ele (out of the body experiences), como nas manifestações mediúnicas (TCM) e instrumentais (TCI).

Sendo assim, precisamos atender nossa real natureza, que é de espírito imortal. Sem atender as necessidades espirituais, não conseguiremos atingir a felicidade desejada, daí o fracasso das filosofias hedonistas.

Somos seres espirituais, sim, mas estamos encarnados, portanto, não podemos pensar somente em termos espirituais. Os que tentam escapar à realidade da condição de encarnados, optando por fugas de inspiração religiosa ou pelas drogas, acabam encontrando decepção, melancolia, angústia, desequilíbrio.

As almas de escol, os mais evoluídos, não fogem à realidade da vida neste mundo, mas encontram nos fatos da vida terrena um significado superior, “espiritualizando” sua atividade aqui na Terra. ▶

COM ISSO ALCANÇAM A FELICIDADE COMPLETA?

Tal felicidade não é deste mundo! Estamos em processo de evolução.

Nem todas as situações de felicidade do Espírito são para aqui e agora, nem no plano espiritual imediato. Felicidade completa, perfeita, só a teremos em longo prazo. Por isso, sempre o anseio, a busca, o querer uma felicidade que ainda não temos, mas pressentimos existir. Esse anseio constante não é para nos fazer experimentar o sofrimento de uma insatisfação perene, pelas alegrias que ainda não podemos fruir, e sim para nos servir de estímulo, como uma abertura de horizonte, apontando as alegrias que nos aguardam para o futuro.

Existe, porém, uma soma de felicidade possível para cada ser, qualquer que seja o seu estágio evolutivo. Com relação à vida material, é a posse do necessário, com relação à vida moral, é a consciência tranqüila e a fé no futuro, aprendemos na resposta à questão 922, de O Livro dos Espíritos.

Para o espírito encarnado na Terra, as condições básicas possíveis de felicidade seriam talvez:

- sentir-se capaz, física e intelectualmente (no que lhe é concedido);
- estar satisfeito na afetividade (sabendo conviver e aceitar);
- sentir-se adaptado em seu ambiente social;
- ter ensejo de aprendizado e trabalho criador;
- gozar de alguma vivência espiritual.

Em resumo: tudo que enseja ao ser humano estar sempre em ação construtiva, com prazer e progresso. Condições que, na maioria, todos as temos.

MAS HAVERÁ OS QUE TENHAM POUCAS, OU TALVEZ NENHUMA. POR QUÊ?

É que estamos encarnados num mundo de provas e expiações.

Aqui, temos e deixamos de ter para experiência. Assim como se fecham os olhos para ouvir melhor, ou se veda o teclado do aprendiz para que desenvolva outros sentidos, a vida pode nos impedir certas experiências, em favor de nosso desenvolvimento em outros setores. Passamos cada qual por provas diferentes por serem diferentes as nossas necessidades individuais, no momento.

E também podemos ter ou deixar de ter, alguma daquelas condições, por expiação. Será, então, um efeito a superar ou suportar, originado no passado, naquilo que já fizemos.

Ante provas e expiações, uma oração inteligente, atribuída aqui e

ali a diferentes autores, diz: “Senhor, dá-me coragem para mudar o que pode e deve ser mudado; resignação para suportar o que não pode nem deve ser mudado; e sabedoria, para distinguir uma coisa de outra”.

Como poderemos anular o que temos por expiar? Apenas sofrendo resignadamente?

Amando! Isto é, exercendo ação benéfica, porque “O amor cobre a multidão de pecados” (Pedro, I epístola) e Jesus ensinou (Lc 7:36/50) que “aquele a quem pouco se perdoa, é que pouco ama”. Se amarmos, teremos no bem que fizermos o sinal certo do “perdão” divino, da oportunidade de ressarcir o erro fazendo o bem no lugar do mal. ▶

“O amor cobre a multidão de pecados”

AS CONDIÇÕES QUE JÁ TEMOS

Reafirmemos que a maioria de nós, os encarnados, temos várias condições de felicidade terrena.

Que nos falta, então? Reconhecer, valorizar, manter essas condições e delas saber usufruir.

Reconhecer é como “o contar as bênçãos”, que a menina Pollyana realizava em seu jogo do contente”. Recebendo de um amigo que prometera visitá-la, o recado de que ele não poderia vir, porque lhe surgira convite para uma festa, a menina, presa à cadeira de rodas, em vez de se magoar e ficar acusando o amigo ausente, diria: *Meu amigo não vem, porque vai a uma festa... Melhor, quando vier, terá muito mais novidades para me contar do que se viesse agora.*

O valorizar pode estar representado, por exemplo, no não descuidar da saúde, ou do tempo de que dispomos. Temos cuidado bem de nossos dentes, as 32 pérolas que Deus nos deu a todos? Que estamos fazendo do nosso tempo, como estamos empregando os 86.400 segundos do nosso dia? Sim, porque são 60 segundos por minuto, 3.600 segundos em cada hora e serem multiplicados pelas 24 horas do dia.

O manter consiste em sustentar, fazer perdurar as situações que são para nós motivo de alegria, de bem-estar. Cultivemos os afetos, a ternura e o devotamento pelos cônjuges, pais, filhos e amigos, que nos felicitam a vida e sem os quais não nos sentiremos realizados.

Procuremos sustentar todas as situações que contribuam para que nos sintamos felizes, mas não pensemos somente no agora, ajamos com vistas à imortalidade.

Saibamos usufruir das condições de felicidade que temos, “curtindo-as”, mas com moderação, pois a vida é uma taça de ambrosia, que se deve sorver apreciando e não apressada e esganadamente.

Incluamos, neste item, a inteligente contenção e reserva de forças, para que delas possamos usufruir no momento oportuno e necessário.

Para nos fazer entender o valor da disciplina, diz André Luiz que basta observarmos o desgoverno de um carro sem freios.

E convém, ainda, deixar em tudo certa “margem para as oscilações”, os altos e baixos da vida. Até os ciclos vitais oscilam e ora nos levam à lentidão e ora nos impulsionam à atividade. Nos bons momentos, não exageremos nem nos exaltemos, e nas dificuldades não nos aflijamos demais nem nos desesperemos. ▶



COMO CONSEGUIR MAIS FELICIDADE?

Desenvolvendo o próprio eu, conquistando novas condições: pelo estudo e pelo trabalho, que trazem progresso material e intelectual; pela semeadura positiva no campo afetivo; pelo cultivo do potencial espiritual que todos temos.

TALVEZ VOCÊ ACHE QUE JÁ TEM TODA A FELICIDADE QUE QUER

Recorde, porém, que ela é instável, pelas naturais transformações e fases da vida. De acordo com a evolução, acontecem essas fases e as etapas de felicidade.

Não basta, pois, apenas sustentar as situações de felicidade, é preciso também renová-las ou criar outras situações capazes de gerar felicidade, num constante adaptar-se e construir.

Assim, quando uma fase de felicidade se esgotar ou impedir, dentro do processo da vida e das mutações do progresso, teremos outras, como vamos descobrindo os encantos de cada idade, de cada plano de vida, ou de cada situação.

Em suma, para ser feliz sempre, constantemente, em qualquer fase da vida, há que, também sempre, constantemente, reconhecer, descobrir ou criar condições de felicidade dentro do que se tenha e do que se possa alcançar.

A felicidade é, enfim, uma construção ativa e constante para o bem!

Mas não a ponto de cair na “inquietude” por querer ser feliz. Há pais que agitam e perturbam sua criança, querendo fazê-la sentir logo muitas, todas as felicidades e prazeres da existência. E há pessoas que fazem isso consigo mesmas.

FELICIDADES QUE NOS ENSEJAM O CONHECIMENTO DOUTRINÁRIO E TAMBÉM O MOVIMENTO NA SEARA ESPÍRITA

São muitas e preciosas. Relacionemos algumas. São motivo da felicidade possível na Terra:

A compreensão de quem somos, de onde viemos, por que estamos aqui, para onde iremos, nos favorece.

O saber que não há condenação eterna nos traz alívio e calma, e que alento encontramos na legítima esperança de podermos reajustar nossa situação!

Contar com a certeza de amparo sempre e progresso constante, se agirmos bem, é extremamente motivador.

E temos recursos de socorro, em atividades como a prece, o passe, o intercâmbio mediúnico.

Podemos “tirar férias de nós mesmos”, como diz André Luiz, para sairmos da nossa paisagem rotineira interior e nos relacionarmos com outras pessoas e, na tentativa de as entender e ajudar, encontrarmos a amizade de muitos e o prazer de ser útil, de servir.

Sobre o tema da felicidade, alguns pensamentos que homens bons e sábios deixaram, trazem-nos orientação, conforto e alento:

“Os únicos homens verdadeiramente felizes são os que buscam uma maneira de serem úteis aos outros.”

(Albert Schweitzer)

“Nada é melhor para a felicidade que trocar preocupações por ocupações.”

(Maurice Maeterlinck)

“A felicidade não é uma questão de onde chegamos. É a maneira de viajar.”

(Roque Schneider)

Finalmente, o conselho de um bom espírito, através da psicografia de Francisco C. Xavier, para que logremos trilhar o caminho que nos pode fazer felizes.

*“Se queres felicidade no campo que te rodeia
Nunca entreteças teu ninho em galho de dor alheia.”*

(Focion Caldas)

É legítimo o nosso anseio por maior e melhor felicidade em nossa vida. Porém, somente progredindo, evoluindo para melhor, entenderemos como agir para produzir situações de felicidade, sabendo reconhecer as que já alcançamos e delas usufruindo com acerto.

Pela mesma via mediúnic, de Armando Candelário, um último pensamento, que nos esclarece a alerta quanto à questão da felicidade:

*Lição que, em todos os tons,
É sempre luz onde pises;
Primeiro sejamos bons,
Depois seremos felizes. ♦*

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. *Quando o Espiritismo Fala*. Págs. 21 - 33. Editora Allan Kardec, 2007.

O Humano e o Divino

por Vinícius

As religiões pretendem estabelecer uma linha de separação entre aquilo que se convencionou denominar humano e aquilo que se conhece como divino.

Para as religiões, o humano é o natural, e o divino é o sobrenatural. Há em tudo isto, certamente, um malentendido, sendo mesmo um erro de apreciação que deve ser reparado.

Se considerarmos como humano - o que os homens costumam desnaturar e corromper - estamos de pleno acordo. Neste particular não há só uma linha, mas um abismo de separação entre o que é do homem e o que é de Deus. Mas, se compreendermos por humano o que é natural ou da Natureza, não há nenhuma linha de distinção entre o humano e o divino. Em resumo: tudo o que é natural é divino. A Natureza mesma é divina em todas as suas manifestações. Nosso corpo é humano e é divino ao mesmo tempo, porque é obra de Deus. Nada há no Universo infinito que não proceda do Supremo Arquitecto: logo, tudo é divino.

O objeto da Religião não é, como supõem os credos religiosos, separar o humano do divino: é aperfeiçoar o humano até que ele se divinize. Não é menoscabar ou destruir a matéria, mas submetê-la ao império do Espírito.

Nosso corpo, segundo afirma S. Paulo, é santuário de Deus. Se é verdadeira a afirmativa do apóstolo - e cremos piamente que o seja - nosso corpo é divino.

Desprezá-lo ou sujeitá-lo propositalmente a sevícias e mortificações não é virtude: é antes um delito. O Converso de Damasco disse: Quem destruir o santuário divino, Deus o destruirá. E disse isto em alusão ao corpo humano.

Jesus - o divino entre os divinos - não menosprezou o corpo. Ele é o Verbo que se fez carne e habitou entre os homens. Não se sentiu diminuído em se dizer - Filho do homem. Jamais aconselhou o abandono do corpo aos males que o danificam. Os leprosos, cobertos de chagas pútridas, não causavam repugnância ao Enviado celeste. Sobre essas pústulas asquerosas o Cristo de Deus impunha as mãos e as sarava prontamente. A pureza vencia as impurezas, mostrando na carne a obra que devia também ser feita no Espírito. Nem mesmo a matéria em decomposição inspirava asco ao Filho de Deus.

O alto escopo do Espírito não é desprezar, nem mortificar, nem odiar a carne: é simplesmente dominá-la, sujeitando-a ao seu governo e direção.

O sobrenatural é o absurdo, e o absurdo é dos homens, embora as religiões pretendam que seja de



Deus. Com Deus está a verdade, a luz, a ordem, a Natureza em sua plenitude excelsa e deslumbrante. Se o homem obedecesse à Natureza, estaria sempre com Deus. O Espírito também é da Natureza: as leis que lhe presidem o destino são naturais como as que governam a mecânica celeste no giro dos planetas; como as que determinam a germinação da semente ou a coloração das flores.

adúltera e a pecadora Madalena encontraram nele refúgio e redenção. Os homens profanam o santuário de Deus, entregando-se aos caprichos desordenados do egoísmo insaciável. Desvirtuam o corpo, corrompendo e adulterando as suas manifestações e expansões naturais. Daí o estrabismo das igrejas criar artificialmente uma distinção entre o natural e o divino, como se tal distinção pudesse existir.

Amemos o que é puro e até o que é impuro, lembrando que o amor tudo purifica

A Natureza abrange tudo, nada havendo fora da influência e da regência de suas leis.

Há fenômenos insólitos, preternaturais, mas sobrenaturais nunca houve, nem haverá. A própria luta do Espírito com a carne é um fenômeno da Natureza. O homem sente que deve vencer a matéria. A dignidade própria lhe diz intimamente que ele só poderá ser grande se triunfar sobre a matéria e seus desejos. O homem tem consciência que o senso da vida repousa nessa porfia e na conseqüente vitória que ele deve alcançar. E tudo isto é divino porque foi concebido por Deus, faz parte do seu programa de educação destinado à redenção dos seus filhos, que são os filhos da Humanidade.

Não desprezemos, pois, coisa alguma. Amemos o que é puro e até o que é impuro, lembrando que o amor tudo purifica. Jesus não desdenhou os delinqüentes de qualquer matiz; e até mesmo a mulher

Tal a origem dos jejuns, dos cilícios e mortificações infligidas ao corpo, como meio de alcançar o céu. Erro palmar. O céu é dos fortes e não dos fracos que fogem à luta; é dos que combatem com lealdade, de viseira erguida, e não, com astúcia. Enfraquecer o corpo para assegurar a vitória do Espírito importa num falso processo de vencer. É ilusório esse triunfo. O Espírito, em verdade, não venceu o inimigo; iludiu-o apenas. Não se abrem as portas dos tabernáculos eternos com gazua. Jesus prometeu a Pedro, como aliás aos demais apóstolos, as chaves, não as gazuas, do reino dos céus...

O caminho de evolução é um só, alegorizado naquela porta estreita e estrada apertada de que nos fala o Evangelho.

Não procuremos, portanto, o marco que divide o humano do divino, porque tal marco é uma ilusão. Divinizemos o humano. Para que tal conseguíssemos é que o Verbo divino se humanou. ♦

Fonte:

VINÍCIUS. *Em Torno do Mestre*. Págs. 31 - 33. Feb, 1999.

Aos Jovens Espíritas

por Yvonne A. Pereira

Um amigo declarou-nos, recentemente, que, pela primeira vez na história da Humanidade, os jovens dedicados às lides religiosas e espirituais têm ensejo de projetar os próprios talentos filosóficos, graças à instituição das chamadas Juventudes Espíritas. Não fora isso e se perderiam preciosos cabedais trazidos pela juventude ao reencarnar, porque esses jovens espíritas não seriam jamais conhecidos, nem aproveitados os seus valores pessoais a benefício da Doutrina Espírita e da coletividade humana. E que, por isso, era pela amplitude da instituição, que deverá crescer sempre mais.

Também aplaudimos a instituição disciplinada das Juventudes e Mocidades Espíritas, pois sinceramente entendemos que ela é um bem e muito auxiliará os moços a se firmarem para os gloriosos destinos espirituais, que muitos certamente

alcançarão em breve etapa. Todavia, é bom raciocinar que essa instituição existiu desde os primeiros dias do Cristianismo e do Espiritismo, senão com a feição hoje apreciada em nossa Doutrina, pelo menos muito significativamente estabelecida pela própria legislação celeste.

Partindo do Cristianismo, observaremos que o seu fundador, Jesus de Nazaré, ao ser crucificado, era um jovem que contaria trinta e três anos de idade, talvez menos, segundo os fundamentos históricos de ilustres investigadores e historiadores. Igualmente jovem seria João Batista, o seu grande precursor, cuja idade orçaria pela do Mestre. Dos doze apóstolos por ele, o Mestre, escolhidos, apenas dois teriam sido de idade madura, segundo os mesmos historiadores e as afirmativas das obras mediúnicas: - Simão, o zelote, e Tiago, filho de Alfeu, porque o próprio Simão Bajornas (Pedro) seria homem de

apenas quarenta anos de idade por ocasião da morte do Mestre, segundo os mesmos historiadores e a observação em torno dos Evangelhos a dos Atos dos Apóstolos. Os demais, Judas Iscariotes inclusive, seriam personalidades de vinte e tantos e trinta e poucos anos de idade, enquanto João Evangelista contaria vinte anos, por ocasião do Calvário, um adolescente, portanto, que se iniciou no apostolado com menos de vinte.

João Marcos, por sua vez, outro evangelista, era um rapazote ao tempo de Jesus, adolescente quando se iniciou nos serviços do Cristo com seu amigo e instrutor Simão Pedro. Estêvão, a mais doce e comovente figura daqueles dias difíceis, o primeiro mártir do Cristianismo, depois do próprio Jesus, era pouco mais que adolescente ao ser lapidado. Jovem também era o grande Paulo de Tarso, ao se dedicar à causa de Jesus para todo o sempre: -“... e as



Francisco de Assis



Vicente de Paulo



Irmãs Fox

testemunhas (da morte de Estêvão), tomando-lhe as vestes, as puseram aos pés de um mancebo chamado Saulo”, esclarecem os versículos 55 a 58 de Atos dos Apóstolos. Muito moço ainda, senão propriamente jovem, seria o evangelista Lucas, a julgar pela intensidade de suas lides. O Cristianismo primitivo, nos dias de trabalho, de testemunhos, de difusão e de martírio está repleto de referências a pessoas jovens convertidas ao apostolado cristão, jovens que não fraquejaram na fé pelo seu ideal nem mesmo à frente das feras, nos Circos de Roma. As obras mediúnicas que se reportam a esses tempos são incansáveis nas referências a jovens cristãos possuídos do ideal sublime da renovação pelo Amor, cujo desempenho heróico é oferecido à Humanidade hodierna como padrão de honradez, fidelidade e nobreza moral.

Igualmente jovens foram, ao se projetarem no mundo como exemplos de virtudes inesquecíveis, Francisco de Assis, chamado O Cristo da Idade Média, o qual contava vinte anos de idade quando vozes espirituais o advertiram, lembrando-lhe os compromissos firmados com o Senhor, ao reencarnar; e Antônio de Pádua, aquele angelical Fernando de Bulhões, que aos dezesseis anos deixou os braços maternos para se iniciar na Ciência Celeste e se tornar o poderoso médium de transporte em corpo astral, o paladino da oratória religiosa numa época de cavalaria e guerras, e cuja ternura pelas crianças ainda hoje inspira corações delicados ao mesmo afã, sete séculos depois da sua passagem pelo mundo. Jovem de dezoito primaveras foi Joana d’Arc,

figura inconfundível do início da Renascença, médium passivo por excelência, cuja vida singular atrai nossa atenção como a luz de uma estrela que não se apagou ainda... E também Vicente de Paulo, iniciando seu inesquecível apostolado aos vinte e quatro anos de idade, e, se rebuscássemos as páginas da História, com vagar, outros encontraríamos para reforçar a nossa exposição.

A história do Espiritismo não é menos significativa, com a impressionante falange de juventude e mocidade convocada para os misteres da Revelação Celeste, que caminha sempre:

- Jovens de catorze e quinze anos de idade foram as irmãs Fox, as célebres médiuns de Hydesville, ao iniciarem compromissos mediúnicos com o Alto, compromissos que abalaram os alicerces de uma civilização e marcaram a aurora de etapa nova para a Humanidade. Jovens também, alguns dos principais instrumentos mediúnicos de Allan Kardec, e cuja missão singular muitos espíritas esqueceram: - Mlle. Japhet, Mlle. Aline, Mlle. Boudin... Jovem de vinte e poucos anos era o médium norte-americano James, citado por Aksakof, o qual prosseguiu o romance “O Mistério de Edwin Drood”, de Charles Dickens, deixado inacabado pelo autor, que falecera, fato único na história da mediunidade, até hoje. Jovem, a célebre médium de Alexandre Aksakof, Elizabeth d’Espérance, que desde menina falava com os desencarnados e que se tornou, posteriormente, ainda na juventude, um dos maiores médiuns de efeitos físicos e materializações de Espíritos, de todos os tempos. Jo-



Elizabeth d’Espérance



Florence Cook



Léon Denis



Carlos Mirabelli

HOMENAGEM

vem também a não menos célebre médium de William Crookes, que materializava o Espírito de Katie King. Florence Cook, que, com a sua extraordinária faculdade, ofertou ao Espiritismo e ao mundo páginas fulgurantes e inesquecíveis com aquelas materializações, tão jovem que só mais tarde contraiu matrimônio. Também desfrutando plena mocidade foi que a lúcida intérprete do Espírito do Conde Rochester, Condessa W. Krijanovsky, obteve os romances brilhantes, que arrebanharam para o Espiritismo tantos adeptos. Jovem de vinte e uma primaveras era Léon Denis, o grande pensador espírita, que tanto enalteceu a causa, ao iniciar seu labor no seio da Doutrina dos Espíritos, e também Camilo Flamarion, o astrônomo poeta, outro médium de Allan Kardec.

significativos casos de materialização de espíritos em nossa pátria, pois que ambos nem mesmo esperaram a velhice para desencarnar. E jovem também era Zilda Gama, ao se projetar, em 1920, com o seu primeiro livro mediúnico, “Na Sombra e na Luz”.

Jovem de vinte e um anos de idade era Francisco Cândido Xavier ao se revelar ao mundo com o livro “Parnaso de Além-Túmulo”, para prosseguir numa ascensão mediúnica apostolar, que não findou ainda. E, finalmente, jovem também era Yvonne A. Pereira, que aos doze anos de idade escrevia mediunizada sem o saber, que aos quinze, recebia páginas de literatura profana sob o controle mediúnico da entidade espiritual Roberto Canalejas, que a acompanhava desde a infância, e que antes dos vinte tinha a seu cargo

juvenis, orientados e assistidos por confrades esclarecidos, experientes e idôneas, exercendo as funções de mentores.

Entre inúmeros jovens outros que poderíamos ainda citar, temos Leopoldo Cirne que, aos 21 anos de idade, foi eleito vice-presidente e aos 31 presidente da maior organização espírita do mundo – a Federação Espírita Brasileira.

Como vemos, pois, o Cristianismo e o Espiritismo são doutrinas também facultadas a jovens... e, mercê de Deus, parece que todos eles, pelo menos os acima citados, não negligenciaram na multiplicação dos talentos pelo Senhor confiados aos seus cuidados. Acreditamos que as instituições denominadas Juventudes e Mocidades Espíritas facilitarão, sim, muitíssimo, as tarefas dos jovens da atualidade e do futuro, tarefas, que, para os do passado, foram cercadas de espinhos e sacrifícios, de dramas e até de tragédias.

Que Deus vos abençoe, pois, jovens espíritas! Tende a mão no arado para lavrar os múltiplos campos da Seara Espírita. Elevai bem alto esse farol imortal, que recebestes imaculado das mãos dos vossos predecessores! Sede fiéis guardiães dessa Doutrina que tudo possui para tornar sábia e feliz a Humanidade! O futuro vos espera, fremente de esperanças! E o passado vos contempla, animado pela confiança! ♦

Que Deus vos abençoe, pois, jovens espíritas!

No Brasil, não menos jovem, de vinte e uma primaveras, ao se iniciar no intercâmbio com o Invisível, foi o médium Frederico Júnior, cujo apostolado quase sublime é desconhecido da geração espírita da atualidade. Muito moços ainda, se não propriamente jovens, eram Fernando de Lacerda, o psicógrafo mecânico, que escrevia com as duas mãos páginas de clássicos portugueses, enquanto conversava com amigos ou despachava papéis na repartição em que trabalhava, e Carlos Mirabelli, produtor dos mais

tremenda responsabilidade de um Posto Mediúnico para receituário e curas de obsessão, e já esboçados três dos livros que posteriormente publicaria. Ambos, Francisco Cândido Xavier e Yvonne A. Pereira, já aos cinco anos de idade viam os Espíritos desencarnados e com eles falavam, supondo-os seres humanos, tal como Elizabeth d’Espérance. Daí para cá, então, os jovens espíritas começaram a ser preparados através das Juventudes e Mocidades espíritas constituídas dentro dos Centros como seus departamentos infanto-

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A.. *À Luz do Consolador*.
Págs. 52 - 57. Feb, 1998.

Pedir *para* é pedir permissão

por Eduardo Martins



A locução **pedir para** é um dos melhores exemplos do abismo existente muitas vezes entre a linguagem coloquial e a norma culta do idioma.

Segundo a gramática tradicional, ela só pode ser empregada quando o sentido é o de pedir permissão, licença ou autorização. Desta maneira: *O menino pediu para ir ao cinema.* / *O jogador pediu para sair mais cedo.* / *O devoto pediu para participar do coro.*

Em todos esses casos é como se fosse: *O menino pediu (permissão) para ir ao cinema.* / *O jogador pediu (licença) para sair mais cedo.* / *O devoto pediu (autorização) para participar do coro.*

Quando se pede a alguém que faça alguma coisa, entretanto, o que se deve usar é **pedir que**, mesmo que neste caso, a linguagem coloquial insista na forma “pedir para”. Veja então o certo: *A professora pediu que os alunos não fizessem barulho* (repare: ela não está pedindo permissão, mas está quase determinado). / *O presidente pediu que o Congresso aprovasse logo as reformas* (da mesma forma: o presidente está quase exigindo). / *O delegado pediu que as testemunhas se apresentassem para depor.*

Também não se pode usar a forma **pedir para que**. Por isso: *O amigo pediu que todos o ajudassem* (e não: *O amigo pediu “para que” todos o ajudassem*). *O cantor pediu que os espectadores fizessem o coro* (e não: *O cantor “pediu para que” os espectadores fizessem o coro*).

Use também **que** e não **para** ou **para que** com relação a outros verbos aplicados em situação idêntica. Assim: *O segurança determinou que todos saíssem* (e não “*determinou para todos saírem*” ou “*determinou para que todos saíssem*”). / *O pai recomendou que todos chegassem a tempo* (e não: “*recomendou para*” ou “*recomendou para que*”). / *A recepcionista solicitou que todos esperassem* (e não: “*solicitou para esperarem*” ou “*solicitou para que esperassem*”)

O sentido de **pedir** pode mudar significativamente conforme a preposição que o acompanhe seja **a** ou **para**. **Pedir** alguma coisa **a** alguém é pedir que esse alguém atenda ao que foi solicitado. Já **pedir** alguma coisa **para** alguém é pedir alguma coisa em favor de alguém.

Assim: *A escola pediu ajuda aos alunos* (pediu que os alunos a ajudassem). / *A escola pediu ajuda para os alunos* (pediu ajuda em favor dos alunos, ou seja, pediu que alguém ajudasse os alunos). Mais dois exemplos: *O governo pediu apoio aos empresários* (pediu que os empresários dessem apoio a ele, governo) / *O governo pediu apoio para os empresários* (pediu apoio em favor dos empresários, ou seja, que alguém os apoiasse).

Por isso, textos como este (publicado num jornal) estão completamente errados: *Siderúrgicas americanas vão pedir limites às importações*. O que está dito é que as siderúrgicas vão pedir que as importações estabeleçam limites. O que o jornal deveria ter escrito era: *Siderúrgicas vão pedir limites para as importações*, isto é, vão pedir que alguém estabeleça limites para as importações.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 16. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.



Guardemos o coração

"O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos." (Tiago, 1:8.)

Urge reconhecer que no sentimento reside o controle da vida.

Na romagem terrestre, múltiplos são os caminhos que conduzem ao aperfeiçoamento.

Fartura e escassez, formosura e fealdade, alegria e sofrimento, liberdade e tolhimento, podem aliciar excelentes possibilidades de realização humana para a espiritualidade superior.

O homem de coração dobre, porém, é infiel às bênçãos divinas em todos os setores da luta construtiva.

Se recebe talentos da riqueza terrestre, entrega-se, comumente, às alucinações da vaidade.

Se detém os dons da pobreza, liga-se, quase sempre, aos monstros da inconformação.

Se possui belo corpo dá-se, em via de regra, aos excessos destruidores.

Se dispõe de vaso orgânico defeituoso, na maioria dos casos perde o tempo em desespero inútil.

No prazer, é incontido.

Na dor, é revoltado.

Quando livre, oprime os irmãos e escraviza-os.

Quando subalterno, perturba os semelhantes e insinua a indisciplina.

O sentimento é santuário da criatura. Sem luz aí dentro, é impossível refletir a paz luminosa que flui incessantemente de Cima.

Ofereçamos ao Senhor um coração firme e terno para que as Divinas Mãos nele gravem os Augustos Designios. Atendida semelhante disposição em nossa vida íntima, encontraremos em todos os caminhos o abençoado lugar de cooperadores da Divina Vontade.



Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz

revistafidelidade@terra.com.br • ano V • Out/2007 • nº 61 • R\$5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**



REGENERAÇÃO DA
HUMANIDADE



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

32 CHICO

MUDANÇAS NO “PARNASO”

O que é o “Parnaso”

34 REFLEXÃO

A VINDA DO REINO DE DEUS

Elucidações de como e quando ocorrerá

38 ENSINAMENTO

O PROGRESSO MATERIAL E O ESPIRITISMO

O avanço tecnológico a favor do crescimento do espírito

40 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA

Questões sobre mediunidade

42 CAPA

REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

Como acontecerá essa transformação?

48 ENSINAMENTO

A CAUSA E SEUS DEFENSORES

Rendemos bons frutos em nome de Jesus

50 MENSAGEM

OS MISTÉRIOS DO AMOR

Belas palavras do espírito Vinícius

52 ESTUDO

LIVRE-ARBÍTRIO E PROGRESSO

Fases do espírito na escala da evolução

55 COM TODAS AS LETRAS

MULHER SÓ PODE DIZER *OBRIGADA*

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentovistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica



O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Toda comunicação mediúnica resulta de uma parceira, voluntária ou involuntária. Basta uma análise sucinta do processo para constatar essa realidade.

O pensamento emite ondas.

As ondas se propagam em variadas freqüências .

A freqüência determina a sintonia.

A sintonia favorece a captação.

A captação leva à interpretação.

E a interpretação é exteriorizada por meio de recursos fisiológicos do médium, que se vale dos signos armazenados em seu cérebro.

Durante todo o processo o médium jamais se anula. Participa ativamente, captando, decodificando e exteriorizando o pensamento do espírito, como verdadeiro intérprete do plano espiritual.

A emissão da mensagem parte da entidade comunicante, que se utiliza da linguagem do pensamento, mas a recepção e a expressão cabem ao intermediário, que adapta a idéia ao seu vocabulário e contexto cultural.

Essa a razão pela qual toda comunicação mediúnica, principalmente aquelas relacionadas aos fenômenos intelectuais, trará, em sua forma exterior, traços característicos do perfil cultural e intelectual do médium.

O intermediário, sob a orientação espírita, não é máquina; é colaborador ativo, responsável não só pela exteriorização da mensagem, mas também pelas consequências que ela acarreta.

O mesmo mecanismo preside aos fenômenos de clariaudiência e clarividência mediúnica, nos quais a maior dificuldade reside na interpretação.

O médium captará os sons e imagens do plano extrafísico, mas a comunicação estará sujeita à sua interpretação pessoal. Nem sempre saberá traduzir, com as próprias palavras o que "vê" ou "ouve", podendo, muitas vezes, gerar falsos conceitos por não compreender o que se passa ou por não encontrar, em seu repertório intelectual, material adequado à tradução das palavras e imagens captadas.

Um silvícola levado a um laboratório de pesquisas científicas terá enormes dificuldades para relatar à sua tribo o que observou naquele ambiente.

O mesmo ocorre, freqüentemente, aos companheiros da prática mediúnica. Muitas vezes, sobra-lhes boa vontade, mas falta-lhes estudo e discernimento. Essa dificuldade interpretativa explica o surgimento, ao longo da história, de inúmeras credices, lendas e tradições místicas que formam a cultura dos povos.

Diversas entidades espirituais, captadas mediunicamente por sensitivos que ignoravam suas próprias faculdades, foram erradamente interpretadas, passando a habitar o imaginário popular na forma de deuses mitológicos, anjos alados, seres diabólicos, orixás, gnomos etc.

Na verdade, o que viram e ouviram não passava das almas de homens e mulheres que já haviam vivido na Terra, e que prosseguem vivos no além-túmulo, expressando-se em consonância com as faixas evolutivas que os caracterizam.

Por esse motivo, a Doutrina Espírita recomenda o estudo constante do médium em relação a si mesmo, examinando as próprias características, não só para que possa interferir o menos possível no conteúdo das comunicações, mas também para atuar como verdadeiro colaborador da espiritualidade, interpretando corretamente as entidades que o buscam no trabalho de socorro e esclarecimento.

Augusto

LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento. Págs. 65-67. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Mudanças no “Parnaso” - o que é o “Parnaso”

por Suely Caldas Schubert

 3-5-1947

“(...) Grato pelos teus apontamentos alusivos ao “Parnaso” para a próxima edição. Faltam-me competência e possibilidade para cooperar numa revisão meticulosa, motivo pelo qual o teu propósito de fazer esse trabalho com a colaboração do nosso estimado Dr. Porto Carreiro é uma iniciativa feliz. Na ocasião em que o serviço estiver pronto, se puderes me proporcionar a “vista ligeira” de um volume corrigido, ficarei muito contente, pois isso dará oportunidade de ouvir aos Amigos Espirituais, em algum ponto de maior ou menor dúvida. Há uma poesia, sobre a qual sempre pedi socorro, mas continua imperfeita desde a primeira edição. É aquela “Aves e Anjos”, da pág. 325, na 5ª edição. Ela termina assim: “Sorrindo... Cantando...” e não “Sorrindo... Sorrindo...”, como vem sendo impresso.

Conto com a tua colaboração, em favor do reajustamento definitivo.

Grato por me haveres dado a conhecer a página com que vais refutar as afirmações do Gen. Peço a Deus para que o assunto não seja portador de aborrecimentos para o teu coração. (...)

Fiquei satisfeito, sendo informado de que as Sras. Figner deliberaram solucionar o assunto do legado. Se o caso terminar com a paz que esperamos e desejamos, sou o primeiro a render graças a Jesus pelo desfecho pacífico. Tive medo de barulho, porque o ruído atrapalha sempre. Aguardarei tuas notícias (ÚLTIMA HORA - 4-5-1947): Estou recebendo as provas do “Novo Testamento”. Vou lê-las com todo o interesse e carinho e restituirei na primeira oportunidade. Gratíssimo pelo teu gesto de apreço e confiança. Abraços do - Chico.)”

Desde 1947 o “Parnaso de Além-Túmulo” começou a ser preparado para a sua 6ª edição. Nessa carta e em algumas outras que se seguem, Chico se refere à revisão que estava sendo feita e, zeloso, busca assegurar a exatidão da tarefa.

Mas, o seu cuidado significa, antes de mais nada o trabalhar em conjunto, pois ele bem conhece a competência de Wantuil e Porto Carreiro para tal cometimento. É óbvio que a palavra final seria dos autores espirituais, e realmente o foi. Muitos poetas do “Parnaso” seriam consultados por intermediação de



Emmanuel, os quais nem sempre concordavam com as alterações solicitadas e apresentavam nova redação para determinados versos. Temos, mais uma vez, uma idéia do grandioso trabalho que interliga as equipes de encarnados e dos Benfeitores da Espiritualidade Maior. Cada tarefeiro dá a sua participação, contribuindo para que a obra resulte bem acabada e plenamente inserida nos altos objetivos programados.

Note-se que Chico recomenda especial atenção para determinado verso que está imperfeito desde o seu lançamento.

Ainda aqui, pode-se avaliar o constante cuidado de Chico Xavier e quanto é custoso ajustarem-se todos os detalhes. Por um lapso qualquer o erro passou por cinco edições, fato este que o médium assinala.

“Parnaso de Além-Túmulo” é obra ímpar na literatura mediúcnica mundial. Lançado em 9 de julho de 1932, a obra completou em 1982 o seu cinqüentenário e já está na 10ª edição.

A 1ª edição continha 14 poetas, 60 produções literárias e 156 páginas.

A 2ª edição (1935) foi dada à luz com 354 páginas. Em sua 9ª edição, comemorativa do 40º aniversário de lançamento, foi acrescida de notas e estudos do Dr. Elias Barbosa e impressa em papel especial, com os retratos de todos os poetas em agudadas de Cecconi.

Na 9ª e 10ª edição o “Parnaso” conta com 56 poetas, 259 produções literárias e 509 páginas.

Caros leitores, aqui devemos parar para meditar um pouco sobre esses dados.

A maioria dos Espíritas nos acostumamos com a produção mediúcnica

de Chico Xavier e já não avaliamos mais a altíssima qualidade de suas páginas psicográficas. E, em decorrência, nem sempre lhe temos valorizado suficientemente o trabalho.

Quando Chico inicia a sua tarefa apostolar, os Benfeitores da Espiritualidade Maior preparam uma obra de impacto. Assim, não é um livro de crônicas, de mensagens ou um romance que vem a lume. Nem ao

gue o papel e o lápis e venha comigo.” E foi num pasto, em direção a Sete Lagoas, onde havia enorme tronco de braúna, que Chico psicografou o primeiro poema – Voz do Infinito, que está em primeiro lugar na 1ª edição de “Parnaso”. (Dados extraídos do livro “Presença de Chico Xavier”, de Elias de Barbosa, 2ª ed., IDE.)

Toda essa programação nos induz a meditar. E, verificamos que, na

“Parnaso de Além-Túmulo” é obra ímpar na literatura mediúcnica

menos é um livro para estudos, como os de André Luiz, por exemplo.

Aquela altura, era preciso que o primeiro livro psicografado pelo médium mineiro chamasse a atenção de todos. Que sacudisse as arcádias da época, preocupadas em absorver e expandir o movimento iniciado em 1922 – dez anos antes – com a Semana de Arte Moderna.

Um livro de impacto: um livro de versos. Versos sim, mas cantados por poetas “mortos”. De além-túmulo!

E que plêiade de nomes expressivos compareceu pelo lápis de Chico Xavier! Eram inicialmente 14 poetas. Nomes famosos e conhecidos, como Castro Alves, Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Cruz e Souza, Guerra Junqueiro, etc., mas que não pertenciam mais aos planos terrestres.

Muitos anos depois, o Chico, em toda a sua maravilhosa simplicidade, contaria que Augusto dos Anjos lhe surgira, pela primeira vez, na cozinha de sua casa. E o poeta lhe disse: “quando você acabar de almoçar pe-

fulgurante trajetória mediúcnica do muito amado Chico Xavier, cada época tem a sua característica própria e especial. E, obviamente, a sua razão de ser.

No trecho final da carta, Chico menciona o legado de Frederico Figner. Ele pede a Jesus que o assunto seja resolvido em paz. Arremata, dizendo: “Tive medo do barulho, porque o ruído atrapalha sempre.” ♦

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 143 - 146. Feb.

A Vinda do Reino de Deus

por Cairbar Schutel

 **T**endo os fariseus perguntado a Jesus quando viria o Reino de Deus, ele respondeu: O Reino de Deus não vem visivelmente, nem dirão: Ei-lo aqui! ou: ei-lo acolá! Porque o Reino de Deus está no meio de vós!

“Então disse aos discípulos: Virá tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem, e não o vereis. Dir-vos-ão: Ei-lo acolá! Ei-lo aqui! Não vades nem os sigais; pois assim como o relâmpago, fuzilando em uma extremidade do céu, brilha até a outra, assim será no seu dia o Filho do Homem.

“Mas é necessário primeiro que ele padeça muitas coisas e que seja rejeitado por esta geração. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem: comiam, bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o Dilúvio, e destruiu a todos. Como também foi no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos.

“Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar. Naquele dia, quem estiver eirado e tiver os seus bens em casa, não desça para tirá-los; e do mesmo modo quem estiver no campo, não volte atrás. Lembrai-vos da mulher de Ló. Quem procurar preservar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida, salvá-la-á. Digo-vos que naquela noite dois estarão numa cama, um será tomado e o outro será deixado; duas estarão moendo juntas, uma será tomada e a outra será deixada. Perguntaram os discípulos: Onde será isso, Senhor? Respondeu ele: onde estiver o corpo, aí se ajuntarão os corvos.” (Lucas XVII, 20-37)

“Falando algumas pessoas a respeito do tempo, como estava ornado de belas pedras e donativos, disse: Quanto ao que vedes, dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. Perguntaram-lhe: Mestre, quando pois sucederá isto? E que sinal haverá quando estiver para se cumprir? Respondeu ele: Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu, também; o tempo está próximo; não o sigais. Quando ouvirdes falar em guerras e tumultos, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas não é ainda o fim.

“Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; e haverá grandes terremotos, pestes e fome em diversos lugares, e haverá terrores e grandes sinais no céu. Mas antes de tudo isso vos hão de prender e perseguir, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença dos reis e governadores por causa do meu nome; isto se tornará em testemunho a vosso favor. Determinai pois em vossos corações não premeditar como haveis de fazer a vossa defesa; porque eu vos darei uma boca e uma sabedoria, a que todos os vossos adversários não poderão resistir nem contradizer. Sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos, e alguns de vós serão mortos; e sereis odiados de todos por causa do meu nome. Mas de modo nenhum se perderá um cabelo da vossa cabeça; pela vossa perseverança ganhareis as vossas almas. Mas quando virdes os exércitos cercarem Jerusalém, então sabei que está próximo a sua desolação. Os que nessa ocasião se acharem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem no campo, não entrem na cidade, porque estes são dias de vinganças, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição sobre a Terra, e ira contra este povo; muitos cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações e Jerusalém será pisada pelos gentios, até se completarem os tempos deles.

“Haverá sinais no Sol, na Lua e nas Estrelas, e sobre a Terra haverá angústia das nações em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; desfalecendo os homens de medo e pela expectação das coisas que sobrevêm ao mundo; pois as potestades dos céus serão abaladas. Então verão o Filho do Homem vir numa nuvem com poder e grande glória. Quando porém estas coisas começarem a acontecer, exultai e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.” (Lucas, XXI, 5-28)



O homem dificilmente compreende as coisas espirituais. E para compreendê-las é preciso que se torne espiritual, deixando de lado os estreitos horizontes que está acostumado a fitar.

O Reino de Deus para os homens de então, como ainda hoje para a maioria dos religiosos, deveria ser um reino com mostras exteriores, como são os reinos da Terra com as suas potestades engalanadas, suas autoridades, suas exibições de poder e de força, suas paradas, seus festejos cívicos, etc.

A sua compreensão não era, como não é para muitos, capaz de receber um reino sem mostras exteriores.

Jesus dissuadiu-os de tal esperança. O Reino de Deus não está em lugar determinado, nem aparecerá nesta ou naquela nação, nesta ou naquela

materialmente o fizéssemos espiritualmente, perceberíamos logo que ele está em nós mesmos, desde que a sua Lei permaneça em nós.

O Reino de Deus não está em lugar determinado, nem aparecerá nesta ou naquela nação

cidade, porque está em toda a criação, não sendo percebido por nós devido à deficiência dos nossos sentidos, ou antes, devido ao modo por que o procuramos. Se em vez de o buscarmos

Qual é a Lei de Deus? A Paz, o Amor, a Sabedoria, a Verdade. Logo, o Reino de Deus deve consistir justamente nisto: na Paz, no Amor, na Sabedoria, na Verdade. Buscando a ►

REFLEXÃO

Lei de Deus, encontraremos o Reino de Deus, isto é, a forma de governo em que Deus é o rei, e nós somos os súditos. Mas quem não quer saber dessa Lei, quem quer adaptar-se à lei dos homens, não pode encontrar o reino de Deus, e, quando nele pensa, anda procurando-o aqui ou acolá.

O mesmo disse Jesus da sua pessoa. Desejaríamos vê-lo e nos haveriam de dizer: “Ei-lo aqui; ei-lo acolá”, mas não deveríamos dar crédito a essas afirmações, nem deveríamos seguir aqueles que assim nos falassem, porque, assim como o relâmpago está no seio dos espaços e fuzila de uma extremidade a outra do céu, o mesmo se daria com Ele, pois, vivendo em Espírito e sendo o Espírito ainda mais veloz do que o relâmpago, na sua ação

aventuras, mas guardarem-se dos rebatamentos da carne e tornarem-se espirituais, porque só assim poderão contar com o auxílio do Alto e serem preservados do mal. E acrescenta: de dois homens que estiverem num mesmo local, um será tomado e o outro deixado; de duas mulheres que estiverem moendo, uma será tomada e a outra deixada.

Os discípulos, curiosos das previsões, queriam saber o lugar onde se executaria essa sentença e Jesus respondeu: “Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão os corvos.”

Assim como o Reino de Deus não tem sede fixa num ponto do mundo, assim também as leis desse reino têm execução no mundo todo, julgando com severidade todos aqueles que

assinalou para a era de degradação em que nos achamos, prevendo estes acontecimentos sociais, que deprimem o caráter e afastam a criatura do Criador.”

Propriamente falando, não haverá “fim de mundo”, mas, sim, o fim de uma era de degradação moral e espiritual, para dar lugar a uma nova era de moralidade, de espiritualidade, para o desenvolvimento do reino de Deus.

No capítulo XXI, 5-28, o Evangelista Lucas repete as reiteradas profecias do Nazareno, que coincidem com as guerras, pestes, fomes, terremotos etc., que lavram no mundo todo e repercutem em toda parte, salientando a imprensa esses acontecimentos como nunca iguais registrou a História, tal a sua intensidade e generalização.

O Mestre faz ver a inutilidade dos templos, das igrejas, com seus ornamentos, pedrarias e donativos, afirmando que delas não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. Previne a todos que se não deixem levar pelos mercadores e falsários que, em seu nome, haveriam também de profetizar a “proximidade dos tempos”, recomendando que deveríamos fugir dessa gente, que mesmo quando fala do Céu está de olhos esbugalhados para a Terra, para viver à causa dos incautos e dominar sufocando a liberdade e a verdade.

Após todos esses sinais precursores, sinais de devastação, de dores e angústias, então, sim, o Filho do Homem se manifestará com grande glória e poder.

Jesus entremeou o seu discurso profético, com os avisos da toma-

A materialidade de espírito e a elevação de espírito, eis os dois pontos principais deste discurso

redentora de contínuo trabalho pela Humanidade, percorreria com toda a presteza os recantos da Terra, para fazer prevalecer a sua palavra, que absolutamente não pode passar.

Após essas palavras, o Nazareno prediz os sofrimentos por que teria de passar e anuncia os fins dos tempos, caracterizando magnificamente a época que atravessamos, de pura materialidade, como a época do Dilúvio, ou a ocasião do incêndio de Sodoma, em que os homens não faziam mais que comer, beber, comprar, vender, plantar, edificar, casar, festejar, etc.

O Mestre aconselha os que querem segui-lo a não se meterem em

deixarem de observá-las. “Onde estiver o cadáver aí estarão os corvos” – onde estiverem os infratores da lei, aí estarão os executores, a julgar sem misericórdia aquele que vazio de misericórdia se achar.

A materialidade de espírito e a elevação de espírito, eis os dois pontos principais deste discurso. Jesus condena severamente a materialidade, porque o homem não foi feito para viver na lama e sim para elevar-se pela nobreza da alma, nas conquistas do Amor de Deus e do próximo. E como consequência da materialização só lhe resultariam os sofrimentos e decepções que o Mestre



Não haverá “fim de mundo”, mas, sim, o fim de uma era de degradação moral e espiritual

da de Jerusalém, que já teve o seu cumprimento, como todos sabem, e finalizou recomendando a seus discípulos erguerem suas cabeças quando vissem ocorrer esses acontecimentos, pois próxima estaria a redenção da Humanidade.

Relembrando esses avisos na época que atravessamos, época que assinala perfeitamente a era predita, julgamos desempenhar uma tarefa para com as “ovelhas desgarradas de Israel” e concorrer, de certa forma, para a sua volta ao “Redil do Senhor” a fim de serem preservadas, quando não seja de muitos males que afligem no momento presente a coletividade, ao menos da “morte espiritual”, e poderem ainda obter a graça da ressurreição para a Vida Eterna.

O homem materializado, imerso

numa vida completamente afastada das Leis de Deus, não pode absolutamente realizar sua elevação espiritual, frustrando assim as suas anteriores promessas de progresso quando da sua encarnação terrestre, na tarefa que solicitou para dar mais um passo na escala da evolução.

Estando o nosso mundo num trabalho de remodelação para a sua elevação na hierarquia dos mundos, é preciso que nos prezemos e nos coloquemos de acordo com essa elevação do meio em que vivemos, e, quiçá, teremos de viver, para que nos tornemos dignos dele.

Fujamos das enganadoras aparências e daqueles que alardeiam virtudes e poderes espirituais, fazendo-nos promessas vãs, mostrando-nos aqui e acolá o Reino de Deus e o Filho do

Homem, e entremos na realidade da Vida, estudando, pesquisando, observando os princípios cristãos, por uma severa disciplina interna, cultuando o amor de Deus e tornando-nos amados e respeitados do nosso próximo pela bondade do nosso coração, e, principalmente, pela formação do nosso caráter, que precisa passar por completa lapidação e tornar-se como diamante de belas facetas, sem jaça, sem defeito que nos possa prejudicar mais tarde. Só assim estaremos no Reino de Deus, que, hoje mais do que nunca, se acha em nós mesmos. ♦

Fonte:

SCHUTEL, Cairbar. *O Espírito do Cristianismo*. Págs. 157 - 163. O Clarim, 2001.

O Progresso Material e o Espiritismo

por Joanes / Raul Teixeira

Pouco provável é que a maioria das pessoas que se valem dos atuais progressos materiais do dia-a-dia terrestre, consiga perceber ou mesmo admitir qualquer vínculo entre esse avanço e o crescimento do espírito.

Ninguém fará juízo negativo acerca de máquinas e utensílios que facilitam a movimentação das pessoas sobre a Terra. Ao contrário, essas peças se convertem em necessidades indispensáveis.

Desde os fogões super e autolimpantes até automóveis mais

especiais, temos uma enorme distância da fogueira, da fumaça e da fuligem, tanto quanto das carroças de bois e carruagens de um pretérito não muito distante.

Desde as remessas postais agi-líssimas às páginas e contatos via computador, em Internet, achamos longe dos pombos-correio, dos rolos de fumaça, das garrafas atiradas ao mar levando mensagens, dos barcos rústicos de um tempo que não está tão distante.

Desde as locomotivas impulsionadas a vapor até os aviões ▶

Ninguém fará juízo negativo acerca de máquinas e utensílios que facilitam a movimentação das pessoas sobre a Terra



hipervelozes de agora, tudo nos fala de progressos imensos para o mundo.

É bastante razoável que os habitantes do planeta desejem usufruir de tais progressos, tornando-se mesmo grande necessidade para todos aqueles que passaram a conduzir e programar suas vidas com base nos avanços tecnológicos atuais.

Para os mais reflexivos, porém, toda essa gama de conquistas tem um sentido no plano da Divindade.

Quanto menos tempo precisa ser gasto, para os serviços domésticos, para os labores da fábrica, ou do escritório, mais tempo a pessoa terá para se ocupar das questões espirituais da sua vida.

A facilidade da vida material chega ao mundo, a fim de que as pessoas tenham mais tempo de se dedicar às verdades do ser eterno.

O que vem ocorrendo, contudo, é que no lugar dos serviços não feitos, porque a máquina do progresso a substituiu, a pessoa passa a se fixar mais tempo à frente das telas, dos vídeos, dos jogos de azar, nas praias durante o dia todo, nos passeios a centros comerciais, em “shopping centers”...

Pouca ou quase nenhuma atenção é dada ao espírito imortal.

Não despreze, minha irmã ou meu irmão, a possibilidade de aproveitar de tudo o que o progresso material lhe oferece, na Terra.

Não esqueça, porém, que todas as coisas hão de ficar no mundo, quando chegar o seu dia de partir para as novas dimensões da alma. Valha-se do tempo que lhe sobra, para melhorar a sua relação com a vida terrestre.

Estude e pratique uma arte qualquer, refinando a sua sensibilidade. Que seja a música, o canto, a dança, as artes plásticas, os

tempo que lhe sobra, chegará a converter a sua existência num campo de harmonia e de trabalho, de alegria e de luz, já que o tempo mal aplicado não retorna.

Cabe-lhe usufruir tudo de bom que o Criador colocou ao seu alcance sobre o mundo. Contudo, não se perca no turbilhão das horas vazias, mas deixe-se mover nas mãos do Senhor, a fim de que os progressos terrenos não o perturbem, mas que sejam importantes instrumentos para o seu progresso geral.

Valha-se do tempo que lhe sobra, para melhorar a sua relação com a vida terrestre

estudos acadêmicos, os cursos de alguma língua estrangeira. Seja o que for que ilumine o seu interior, faça-o.

Dedique-se a uma crença religiosa, a um grupo de discussões filosóficas, a um desporto, nos quais você conquiste equilíbrio, maturidade e paz íntima, sem pôr fora a bênção do seu tempo.

Se você se der conta do que o Criador espera de sua vida, nesse

Meditação: Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeram os primeiros átomos destinados a construí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. ♦

Fonte:

TEIXEIRA, J. Raul. *Para Uso Diário*. Págs. 113 - 117. Editora Fráter, 1999.

Diretrizes de Segurança



por Raul Teixeira e Divaldo Franco

03. Existe mediunidade inconsciente?

Divaldo – Sem dúvida. Kardec classifica os médiuns, genericamente, em dois tipos: seguros e inseguros. Dentro dessa classificação, os seguros são aqueles que filtram com fidelidade a mensagem, aqueles que são automáticos, sonambúlicos, inconscientes portanto, por meio dos quais o fenômeno ocorre dentro de um clima de profundidade, sem que a consciência atual tome conhecimento.

Podem ser os médiuns conscientes, semiconscientes e inconscientes. Quanto às suas aptidões e qualidades morais, eles têm vasta classificação.

*Kardec
classifica os
médiuns,
genericamente
em dois tipos:
seguros e
inseguros*

04. Tem o médium inconsciente responsabilidade pelo que ocorra durante as comunicações?

Divaldo – O fenômeno é sonambúlico, mas a comunicação está relacionada com a conduta moral do médium. Este é sempre responsável pelas ocorrências, assim como em muitas obsessões, quando o indivíduo entra numa faixa de subjugação e perde a consciência, ele parece não ser responsável pelo que se passa; no entanto, o é por haver sintonizado com aquele espírito que o dominou temporariamente. Está no Evangelho de Jesus o assunto colocado de uma maneira brilhante pelo Mestre quando diz aos recém-liberados: “Vai e não tornes a pecar, para que te não aconteça algo pior”¹. Porque o indivíduo que não se modifica permanece numa faixa vibratória negativa e sintoniza com as entidades mais inditasas, portanto, semelhantes.

Colocando-nos no plano da mediunidade, a nossa vivência moral digna interdita o intercâmbio com as entidades frívolas.

As entidades malévolas dificilmente se adentram na Casa Espírita que tem um padrão vibratório nobre, porque as defesas impedem que tais espíritos rompam as barreiras magnéticas. Mas, a pessoa que se adentra sem o perseguidor deverá reformar-se enquanto está no ambiente espiritual.

O que ocorre então? Tal indivíduo, ao invés de acompanhar o doutrinador, de observar e meditar a respeito das lições que lhe são ministradas, por uma viciação mental continua com os mesmos clichês que trouxe lá de fora, ficando dentro do Centro, porém ligado aos espíritos com os quais se afina, mantendo vinculação hipnótica, telepática.

Há pessoas que não conseguem orar, e, quando vão orar, ocorrem-lhes pensamentos de teor vibratório muito baixo. Na hora da prece são assistidas essas pessoas por lembranças de coisas desagradáveis, vulgares, sensuais, e não sabem compreender como isso lhes sucede. É resultado de hábito mental.

Se nós, a vida inteira, jogamos para o inconsciente idéias depressivas, vulgaridades, criamos ideoplastias perniciosas. A nossa memória anterior ou subconsciente fica encharcada daquelas fixações. Na hora em que vamos exercitar um pensamento ao qual não estamos habituados, é lógico que, primeiro, aflorem os que são freqüentes. Ilustraremos melhor: Imaginemos aqui um vaso comunicante em forma de letra “U”. De repente vamos orar ou sintonizar com os espíritos nobres. Pelo superconsciente vem a idéia, passa pelo consciente e desce ao inconsciente. Ao passar por ali recebe o enxerto das idéias arquivadas e chega novamente à razão, influenciada pela mescla do que está em depósito. Se pegamos um vaso que está com fuligem, com poeira e colocamos água limpa, ela entra cristalina, porém sai suja, até que, se perseverarmos e continuarmos colocando água limpa, ela irá assear aquele depósito e sairá, por fim, como entrou. É necessário, então, porfiar na idéia, insistir nos planos positivos, permanecer nos pensamentos superiores.

Somos sempre responsáveis por quaisquer comunicações, desde que somos o fator que atrai a entidade que se vai apresentar, graças às nossas vibrações e conduta intelecto-moral. ♦

Fonte:

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Dirtrizes de Segurança*. Págs. 19 - 20. Frater, 2002.

¹ Jesus, Jo 5:14



REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

por Allan Kardec



recipitam-se com rapidez os acontecimentos, pelo que já não vos dizemos, como outrora: “Aproximam-se os tempos.” Agora, dizemos: “Os tempos são chegados.”

Não suponhais que as nossas palavras se referem a um novo dilúvio, nem a um cataclismo, nem a um revolvimento geral. Revoluções parciais do globo se hão produzido em todas as épocas e ainda se produzem, porque decorrem da sua constituição, mas não representam os sinais dos tempos.

Entretanto, tudo o que está predito no Evangelho tem de cumprir-se e neste momento se cumpre, conforme o reconheceréis mais tarde. Não tomeis, porém, os sinais anunciados, senão como figuras, que precisam ser compreendidas segundo o espírito e não segundo a letra. Todas as Escrituras encerram grandes verdades sob o véu da alegoria e, por se terem apegado à letra, é que os comentadores se transviaram. Falto-lhes a chave para lhes compreenderem o verdadeiro sentido. Essa chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo vem revelar. Daqui em diante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e

as leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras.

Não olheis para o céu em busca dos sinais precursores, porquanto nenhum vereis, e os que vo-los anunciarem estarão a enganar-vos. Olhai em torno de vós, entre os homens: aí é que os descobrireis.

Não sentis que um como vento sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo se acha na expectativa e como que presa de um vago pressentimento de que a tempestade se aproxima.

Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido, desde a sua transformação; tem ainda que progredir e não que ser destruída. A Humanidade, entretanto, chegou a um dos períodos de sua transformação e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

O que se prepara não é, pois, o fim do mundo material, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoísmo e do fanatismo que se esboroa. Cada dia leva consigo alguns destroços. Tudo dele acabará com a geração que se vai e a geração nova erguerá o novo edifício, que as gerações seguintes consolidarão e completarão. ▶

De mundo de expiação, a Terra se mudará um dia em mundo ditoso e habitá-lo será uma recompensa, em vez de ser uma punição. O reinado do bem sucederá ao reinado do mal.

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso se faz que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que unicamente ao bem aspirem. Como já chegou esse tempo, uma grande emigração neste momento se opera entre os que a habitam. Os que praticam o mal pelo mal, alheios ao sentimento do bem, dela se verão excluídos, porque lhe acarretariam novamente

perturbações e confusões que constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento em mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que adquiriram, tendo por missão fazê-los adiantar-se. Substituí-los-ão na Terra Espíritos melhores que farão reinem entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, dissemo-lo, não será transformada por cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança na ordem natural das coisas. Tudo, pois, exteriormente,

se passará como de costume, com uma única diferença, embora capital: a de que uma parte dos Espíritos que nela encarnava não mais encarnará. Em cada criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal, encarnará um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Trata-se, portanto, muito menos de uma nova geração corporal, do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, desapontados ficarão os que contem que a transformação resulte de efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocadas no ponto intermédio, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

A Terra, dissemo-lo, não será transformada por cataclismo que aniquile de súbito uma geração



As duas gerações que sucedem uma à outra têm idéias e modos de ver inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, porém, sobretudo pelas disposições intuitivas e inatas, tornam-se fácil distinguir à qual das duas pertence cada indivíduo.

Tendo de fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão, em geral, precoces, juntas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá tão-só de Espíritos eminentemente superiores, mas de Espíritos que, já tendo progredido, estão predispostos a assimilar as idéias progressistas e aptas a secundar o movimento regenerador.

O que, ao contrário, distingue os Espíritos atrasados é, primeiramente, a revolta contra Deus, pela negação da Providência e de qualquer poder acima da Humanidade; depois, pela propensão instintiva para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternais do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância de apego a tudo o que é material.

Desses vícios é que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que recalçitram em emendar-se, visto que são incompatíveis com o reino da fraternidade e os homens de

bem sofreriam sempre com o contato dessas criaturas. Livre deles a Terra, os outros caminharão desembaraçadamente para o futuro melhor, que lhes está reservado neste mundo, em recompensa de seus esforços e

errado era o caminho que trilhavam. Pelas vossas preces e exortações, podeis contribuir muito para que se melhorem, porque há perpétua solidariedade entre os mortos e os vivos.

Assim, orai por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto ainda é tempo

da sua perseverança, enquanto uma depuração ainda mais completa não lhes abre o pórtico dos mundos superiores.

Com referência a essa emigração de Espíritos, ninguém pretenda que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aí hão de voltar, porque muitos cederão ao império das circunstâncias e do exemplo; neles, a casca está mais estragada do que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corporal, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira inteiramente diversa da que as viam quando vivos, conforme os numerosos casos que já tendes apreciado. Para isso, terão a ajudá-los os Espíritos bons, que por eles se interessam e que se esforçam por esclarecê-los e por lhes mostrar que

Aqueles, conseguintemente, poderão voltar e se sentirão felizes, porque isso lhes será uma recompensa. Que importa o que tenham sido e feito, se animados de melhores sentimentos se encontram? Longe de se mostrarem hostis à sociedade, serão seus auxiliares úteis, porquanto pertencerão à geração nova.

Não haverá, pois, exclusão definitiva, senão dos Espíritos substancialmente rebeldes, daqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornaram surdos aos apelos do bem e da razão. Esses mesmos, porém, não estarão votados a perene inferioridade. Dia virá em que repudiarão o passado e abrirão os olhos para a luz.

Assim, orai por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto ainda é tempo, visto que se aproxima o dia da expiação.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá na sua cegueira e a resistência que virá a opor mascarará, por meio de terríveis lutas, o fim do reinado dos que a constituem. Desvairados, correrão à sua própria perda; provocarão destruições que darão origem a um sem-número de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o quererem, apressarão o advento da era de renovação.

E, como se não operasse com bastante rapidez a destruição, os suicídios se multiplicarão em proporções inauditas, até entre as crianças. A loucura jamais terá atingido tão grande quantidade de homens que, antes mesmo de morrerem, estarão riscados do número dos vivos. São esses os verdadeiros sinais dos tempos e tudo isso se cumprirá pelo encadeamento das circunstâncias, como já o dissemos, sem que haja a mais ligeira derrogação das leis da Natureza.

Contudo, através da escura nuvem que vos envolve e em cujo seio ronca a tempestade, já podeis ver despontando os primeiros raios da era nova. A fraternidade lança seus fundamentos em todos os pontos do globo e os povos estendem uns aos outros as mãos; a barbárie se familiariza no contato com a civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que causaram o derramamento de ondas de sangue, se vão extinguindo; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, ao passo que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda parte fermentam as idéias; percebe-se o

mal e experimentam-se remédios para debelá-lo, mas muitos caminham sem bússola e se perdem em utopias. O mundo se acha empenhado num imenso trabalho de gestação que já dura há um século; nesse trabalho, ainda confuso, nota-se, todavia, que predomina a tendência para determinado fim: o da unidade e da uniformidade, que predis põem à confraternização.

Através da escura nuvem que vos envolve, já podeis ver despontando os primeiros raios da era nova

Também aí tendes sinais dos tempos. Mas, enquanto que os outros são os das agonias do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que o próximo século verá despontar, pois que então a geração nova estará em toda a sua pujança. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do século décimo oitavo, sob certos pontos de vista, quanto a do vigésimo diferirá da do século dezenove, sob outros pontos de vista.

A fé inata será um dos caracteres distintivos da nova geração, não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortifica, que os une e confunde num sentimento comum de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo,



igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é a senda que conduz à renovação, porque destrói os dois maiores obstáculos que se opõem a essa renovação: a incredulidade e o fanatismo; porque faculta uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem aos modos de ver da nova geração, pelo que, no coração dos representantes desta, ele se achará inato e em estado de intuição. Assim, pois, a era nova vê-lo-á engrandecer-se e prosperar pela força mesma das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas, daqui até lá, que de lutas terá ainda de sustentar contra os seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo que – coisa singular! – se dão as mãos para abatê-lo. É que os dois lhe pressentem o futuro e, em conseqüência, a ruína de ambos. Essa a razão por que o temem; já o vêem erguendo, sobre os destroços do velho mundo egoísta, a bandeira em torno da qual se reunirão todos os povos. Na divina máxima: Fora da caridade não há salvação, eles lêem a sua própria condenação, porquanto essa máxima é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo. Ela se lhes apresenta como as palavras fatais do festim de Baltazar. Entretanto, deveriam bendizer essa máxima, porquanto os defende de todas as represálias da parte dos que os perseguem. Tal, porém, não se dá: uma força cega os impele a rejeitar a única coisa capaz de salvá-los.

Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, ficai certos, porquanto ele está

nas leis da Natureza, não podendo, por isso mesmo, perecer. Observai a multiplicidade de meios por que a idéia se espalha e penetra em toda parte; crede que esses meios não são fortuitos, mas providenciais. O que, à primeira vista, deverá ser-lhe prejudicial é exatamente o que lhe auxilia a propagação.

Dentro em breve, surgirão campeões que em voz alta se proclamarão

tais, entre os de maior consideração e mais acreditados, os quais, com a autoridade de seus nomes e de seus exemplos o apoiarão, impondo silêncio aos que o detratem, pois ninguém ousará tratá-los de loucos. Esses homens o estudam em silêncio e aparecerão quando for chegado o momento oportuno. Até lá, bom é se conservem afastados.

Dentro em pouco, também vereis as artes se acercarem dele, como de uma mina riquíssima, e traduzirem os pensamentos e os horizontes que ele patenteia, por meio da pintura, da música, da poesia e da literatura. Já se vos disse que haverá um dia a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã. É uma grande verdade, pois os maiores gênios se inspirarão nele. Em breve, vereis os primeiros esboços da arte espírita, que mais tarde ocupará o lugar que lhe compete.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e devotos. Não vos assustem os obstáculos,

porquanto nenhum há que possa embaraçar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso e agradecei a Deus o ter-vos colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos solicitastes e do qual é preciso vos mostreis dignos pela vossa coragem, pela vossa perseverança e pelo vosso devotamento. Felizes dos que sucumbirem nessa luta contra a força; a vergonha, ao contrário,

Trabalhai sem descanso e agradecei a Deus o ter-vos colocado na vanguarda da nova falange

esperará, no mundo dos Espíritos, os que sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade.

As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contato com o mal faz que melhor se apreciem as vantagens do bem. Sem as lutas, que estimulam as faculdades, o Espírito se entregaria a uma despreocupação funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais. ♦

Fonte:

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Págs. 321 - 328. Feb, 1999.

A Causa e seus defensores

por Orson Peter Carrara

No Evangelho de JOÃO, capítulo 15, versículo 5, encontramos: “Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.” E depois, no mesmo capítulo 15, versículo 16; “Não fostes vós quem me escolhestes a mim, pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.”.

Belíssimo trecho do Evangelho, este, como todos os outros.

Jesus espera homens que lhe dêem frutos de trabalho na construção do Reino de Deus sobre a Terra

Mas, vamos trazer essas importantes afirmações de Jesus ao conhecimento espírita. Jesus não se dirige aos espíritas em particular, mas a todos os homens. Mas com que clareza esses conceitos nos saltam aos olhos, à luz da Doutrina Espírita.

Jesus espera homens que lhe

dêem frutos de trabalho na construção do Reino de Deus sobre a Terra, utilizando as ferramentas do amor por Ele trazidas ao conhecimento do homem, seja pelo ensinamento transmitido, como pelo exemplo vivido, daí o dizer que sem Ele nada podemos fazer, pois que realmente precisamos de Sua orientação, de Sua inspiração, para esse trabalho, tendo Nele o modelo a seguir, como se referiram os Espíritos da Codificação.

Ao mesmo tempo, declara ter escolhido os discípulos (entenda-se numa abrangência maior, todos aqueles que se dispõem a segui-lo),

designando-os para irem e darem frutos (reflitamos na responsabilidade desse frutos, sua importância e alcance na atualidade), espalhando o bem, o amor, sobre os homens, sobre a Terra.

Não nos esqueçamos que é um convite a todos os homens e



não somente aos espíritas. Mas, especificamente, como ficamos nós, detentores hoje da grandiosa mensagem do Espiritismo?

O conhecimento espírita aí está, presente, para libertar o homem, ajudá-lo nessa escala do progresso e de trabalho em favor de um mundo de fraternidade. É, pois, a Causa Espírita, a razão de sermos espíritas, de estarmos no Movimento Espírita. Para que foi que foram trazidos ao homem os conhecimentos tão claros da imortalidade, da pluralidade das existências, da existência de

acomodação. Isto lembra cooperação, não crítica.

Individualmente, é claro, precisamos construir nossa própria moradia cristã. Esta consciência, todavia, nos pede ação coletiva. E o Espiritismo, através de seu movimento, oportuniza esta ação.

Individualmente é possível fazer muita coisa em favor de nossos irmãos, mas coletivamente, essas oportunidades aumentam... Além do esforço pessoal em se melhorar, em progredir, em socorrer nosso



É, pois, a Causa Espírita, a razão de sermos espíritas, de estarmos no Movimento Espírita

Deus, da pluralidade dos mundos habitados, da evolução, da comunicabilidade dos espíritos, senão para ajudá-lo? Senão para libertá-lo do medo, para dar-lhe noções mais claras sobre a bondade e justiça de Deus?

São conceitos claros para construção do entendimento, da harmonia, do perdão, do trabalho... E não é esta a proposta espírita? Sim, é esta a proposta espírita!

Fica claro entender, portanto, o quanto é importante nosso engajamento (que nos declaramos espíritas) com a Causa Espírita, e consequentemente com a Casa Espírita, que a representa ou a retrata.

Isto envolve participação, não

irmão, vamos também ao trabalho comum, na união de forças. Produzir os frutos, individualmente e coletivamente, como pede Jesus!

Trabalhar pela Casa, pela Causa, também é produzir os frutos esperados pelo Mestre, sem nos esquecermos de sermos frutos vivos de amor, de compreensão, de trabalho, de entendimento, de harmonia, de perdão, superando as velhas barreiras do orgulho e do egoísmo. ♦

Fonte:

CARRARA, Orson P. *Causa e Casa Espíritas*. Págs. 97 - 99. Edições Carrara ME., 1999.

Os Mistérios do Amor

por Vinicius



Este é o meu maior mandamento; que vos ameis uns aos outros.”

Paulo, com admirável justeza, disse: O amor é o vínculo da perfeição. De fato, assim é. Não há virtude que no amor não se contenha, ou melhor, que dele não dimanar.

O amor é o mistério dos mistérios. Quem o entende, quem o define? João, apóstolo, definiu-o com o indefinível, dizendo: Deus é amor.

dóceis e nos gênios arrebatados. O fato é que o amor invade todos os arcanos da alma humana, seja esta ou seja aquela.

É erro supor-se que os maus se acham desprovidos de amor. O que se passa com eles é apenas um caso de ignorância: ignoram que é do amor que vem a vida que fruem. Vivem sem saber viver, amam sem saber amar.

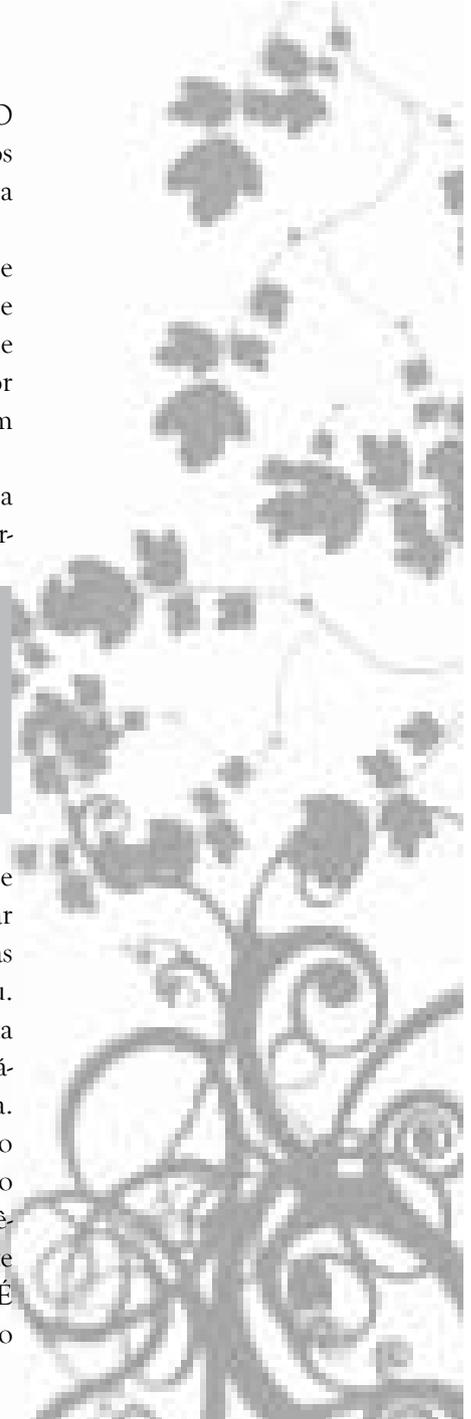
Descrever o amor é descrever a perfeição. Só pode descrever a per-

Descrever o amor é descrever a perfeição

Uma das particularidades misteriosas do amor é atingir e interessar a todos os seres, do mais vil ao mais nobre e elevado, do mais rude e ignaro ao mais sábio e mais santo. Cada qual o vê por determinado prisma, o sente sob modalidades várias. Não obstante, o amor é uno e indivisível.

Ninguém sabe o que o amor diz ao sábio, nem o que diz aos simples. Não se sabe igualmente como se acomoda nos corações delicados e nas almas rudes, nos temperamentos

feição aquele que é perfeito. O que podemos e devemos fazer é estudar o amor como o astrônomo estuda as inúmeras e longínquas terras do céu. Mas, para estudar o amor não basta o uso do telescópio para contemplá-lo em sua incomensurável grandeza. É preciso analisá-lo também como o bacteriologista, manobrando o microscópio a fim de surpreendê-lo em seus aspectos infinitamente pequenos, imponderáveis quase. É este outro mistério do amor: ser ao



mesmo tempo infinitamente grande e infinitamente pequeno. Às vezes revela-se numa palavra, num gesto, num olhar, como, por exemplo, no sacrifício daquela viúva deitando duas ínfimas moedinhas, que era tudo quanto possuía, no gazofilácio do templo. Outras vezes, somente o lobrigamas no conjunto de uma vida inteira, formando um todo tão grande e tão deslumbrante que só de longe pode ser admirado. Tal é o amor de Jesus-Cristo, que só vem sendo visto e contemplado através da objetiva de dois milênios.

A natureza do amor é genuinamente espiritual. Sem ambargo, surge freqüentemente da materialidade como a aurora desponta das trevas. E não será esta particularidade mais um dos seus mistérios? Certamente. E ainda não é tudo. Amor é altruísmo. Altruísmo é o oposto do egoísmo. Não obstante, é comum vermos o amor no egoísmo e o egoísmo no amor. Paradoxo? Não; outro mistério. Exemplifiquemos. Haverá amor menos suspeito que o materno? Todavia, esse afeto, como todo o amor nascido da carne e do sangue, é cheio de egoísmo.

Há quem condene o amor mesclado de egoísmo, alegando que semelhante amor não é amor. Que será então? Egoísmo? Mas egoísmo que vai ao sacrifício de si mesmo em prol do objeto de seus afetos? Nesse caso, há um egoísmo bom; e esse egoísmo bom há de ser o princípio do amor.

Entre o fogo e a luz há grande

diferença. O fogo destrói, a luz ilumina; o fogo abrasa e consome, a luz suaviza e dulcifica; o fogo arrebatava, a luz acalma; o fogo é violência, a luz é a clemência. Contudo, é inegável que no fogo há luz, e que na luz há fogo.

Não condenemos, portanto, o amor sob todos os aspectos em que se nos apresente. Neste mundo tudo é imperfeito; porém, através das imperfeições, caminhamos para a perfeição. É na fraqueza, disseram a Paulo as vozes do céu, que se desenvolve a fortaleza, e o apóstolo das gentes compreendeu tão bem aquela asserção que, depois, assim se manifestava em suas epístolas: Quando me sinto fraco, estou forte.

Gravemos apenas isto em nossa mente, de modo indelével: o amor é a vida, sem amor ninguém vive. Quanto mais e melhor o compreendermos – na relatividade sempre de nossas faculdades – mais e melhor viveremos. A intensidade da vida está na razão direta da influência do amor. A vida mede-se por grau, como o calor. Mesmo na Terra, pode-se viver mais ou viver menos, não só quanto ao tempo, mas principalmente quanto à intensidade, à profundidade da vida. Podemos concentrar em nós maior ou menor soma da vida universal, que é a vida infinita. Isto importa numa questão de amor, porque, como dissemos, viver é amar.

Assim se explicam as palavras de Jesus: Eu vim a este mundo para que tenhais vida, e a tenhais em abundância. Daí a procedência do mandamento: Amai-vos uns aos outros. ♦

Fonte:

VINÍCIUS. *Em Torno do Mestre*. Págs. 355 - 357. Feb, 1999.

Livre-Arbítrio e Progresso

por Therezinha Oliveira

I. LIVRE-ARBÍTRIO E DETERMINISMO

Filosoficamente, **livre-arbítrio** é a faculdade de livre determinação da vontade humana. Liberdade de pensar, ajuizar e, conseqüentemente, de escolher como quer agir.

E **determinismo** é o acontecimento de fatos sem que a pessoa possa ajuizar, escolher, usar a sua vontade, porque outras causas (internas ou externas) é que determinam o ato, mesmo que a pessoa tenha conhecimento de que é afetada pelo que acontece, sinta e reconheça a sua influência.

Os Espíritos, encarnados ou não, têm livre-arbítrio?

Em princípio, basicamente, sim. De outro modo, não teriam responsabilidade pelo mal que praticassem nem mérito pelo bem que fizessem.

Mas esse livre-arbítrio não é pleno, completo, em tudo e para tudo, porque é **relativo à evolução do ser**.

Nas primeiras fases da evolução anímica

O Espírito quase não tem livre-arbítrio e fica mais sujeito ao determinismo. Isso porque o exercício acertado da vontade requer conhecimento e experiência e, nessas primeiras fases de sua evolução, o Espírito não os tem; falta-lhe, então, capacidade para melhor avaliação e escolha.

Nessa fase, Deus (através dos Espíritos mais elevados) lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir.

O Espírito é colocado diante de situações que não foram escolhidas por ele, mas planejadas por orientadores espirituais, a fim de estimular seu desenvolvimento intelectual e moral.

Ex.: Fica submetido ao instinto (que guia o ser aos atos necessários à sua conservação e a da sua espécie). Não escolheu o instinto, não o quis por sua vontade, mas sua inteligência ainda não desenvolvida não o poderia ajudar. ▶

À medida que o Espírito evolui

Começa a adquirir experiência, desenvolver suas faculdades. Passa, então, a ter alguma liberdade de escolha. Esse livre-arbítrio crescerá cada vez mais, até o Espírito não mais ficar submetido a determinismo algum.

Mesmo porque, aperfeiçoado, o Espírito entende o plano divino e a ele adere, cooperando voluntariamente.

Exemplo de Jesus: “Eu não busco a minha vontade e, sim, a vontade daquele que me enviou”. (Jo 5:30)

Ainda sofremos algum determinismo

Apesar de já estarmos na escala humana, há condições que nos são impostas pela Providência Divina, visando à continuidade obrigatória de nosso progresso.

Ex.: Encarnar e desencarnar (Jesus já transcendia a isso - Jo 10:17-18); habitar determinado mundo; enfrentar certo tipo de experiência.

É ainda por determinismo divino que, querendo ou não, estamos sujeitos à Lei de Causa e Efeito, ao receber as conseqüências de nossos atos (bons ou maus), no mundo terreno ou no plano espiritual. Já tivemos o livre-arbítrio (ao agir) e, agora, a lei divina nos determina colhermos o resultado.

O determinismo em nossa vida

Podemos reconhecê-lo naquelas situações e acontecimentos muito importantes em nossa vida, capazes de influir muito em nossa evolução e que não provocamos nem tivemos oportunidade correta de avaliação e escolha. Parece que não exercemos nossa vontade, mas é que obedecemos a um programa divino.

É o caso das expiações e, também, de certas provas: o mundo em que vivemos; grandes e inevitáveis sofrimentos; posição social e condições físicas em que nascemos; o encontro com certas pessoas, relacionadas ao nosso “destino”.

Não há determinismo nos atos da vida moral

Assim, como numa viagem que programamos há certos pontos que estão previstos, também na nossa encarnação há algumas situações e acontecimentos preestabelecidos.

Entretanto, em qualquer caso, sempre temos liberdade para escolher o modo como enfrentar e reagir aos acontecimentos.

Ninguém é arrastado irresistivelmente para o mal; ninguém pratica o mal porque assim lhe esteja determinado.

A situação, o problema se apresentam, mas a decisão de como agir é do Espírito; o bem ou o mal que fazemos é sempre responsabilidade nossa.

II. LIVRE-ARBÍTRIO E PROGRESSO

Nosso progresso se faz no campo do intelecto e no campo moral.

Começa com o desenvolvimento intelectual.

Conhecer é o primeiro passo no progresso; pelo intelecto é que tomamos conhecimento das coisas, pessoas, situações, causas e efeitos das ações.

Nem sempre há necessidade de experiência pessoal e direta; observando também se aprende, toma-se conhecimento. **Que, em seqüência, engendra, produz, gera o progresso moral.**

Conhecendo, podemos compreender pelos efeitos o que é o bem e o que é o mal; então, já com conhecimento de causa, escolhemos o que vamos fazer.

Entramos, assim, no campo moral, porque a inteligência, desenvolvida, aumentou nossa possibilidade de escolha. **Aumentando o livre-arbítrio, aumenta, também, a responsabilidade.**

O progresso moral decorre, pois, do progresso intelectual. Mas nem sempre o segue de imediato.

O homem não passa subitamente da infância à maturidade. Também o Espírito não passa, de súbito, de um estado moral a outro mais elevado.

Para entender se um ato é mesmo bom ou mau, é preciso que conheçamos seus efeitos mais ampla e longamente. Há coisas que, de momento, podem nos parecer boas, mas, depois, se revelam más (ex.: as tentações).

Às vezes, demoramos a estabelecer conota-

ção entre uma causa e o seu efeito, por isso erramos repetidamente (ex.: o vício de fumar).

Enquanto estamos conhecendo (fase de experimentação), às vezes aplicamos a inteligência para a prática do mal, pensando que é um bem. Mesmo havendo entendido que certo modo de agir é mau, teremos de lutar contra o hábito de praticá-lo, que havíamos cultivado.

Mas, ao final, pelo melhor entendimento, abandonaremos o mal e faremos apenas o bem.

O progresso é determinação divina (uma das leis naturais).

Por esse determinismo divino, o Espírito evolui até a perfeição **sem nunca retroceder**.

O Espírito pode estacionar temporariamente em seu progresso, se não usar ou usar mal as suas faculdades; mas nunca retrocede, pois jamais perde sua natureza nem suas qualidades e conhecimentos adquiridos.

O progresso dos Espíritos é desigual, justamente porque depende do livre-arbítrio de cada um (de como encara e aproveita ou não as experiências e de como reage ao que acontece).

A meta final é a perfeição, ou seja, o desenvolvimento de nossas faculdades no mais alto grau que podemos conceber.

Os Espíritos chegarão à perfeição, mais ou menos rapidamente, de acordo com o seu empenho pessoal em progredir e a sua aceitação à vontade de Deus.

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei. (Frase inscrita no dólmen do túmulo de Kardec, em Paris, França.) ♦

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. *Iniciação ao Espiritismo*. Págs. 75 - 80. Editora Allan Kardec.

Mulher só pode dizer *Obrigada*

por Eduardo Martins



Como você, menina ou mulher, manifesta satisfação ou reconhecimento para agradecer a alguém? A maneira mais comum é: **obrigada**. Ou, se quiser tornar seu agradecimento mais forte: **muito obrigada**.

Acompanhe o raciocínio: **obrigada** ou **muito obrigada** equivale a **agradecida** ou **muito agradecida**.

Repare que você, mulher, nunca diria “**agradecido**” ou “**muito agradecido**”. Por isso mesmo, **obrigado** ou **muito obrigado** não combinam com mulher.

Outro erro comum é menina ou mulher dizer “**obrigadão**”. Só os homens podem usar essa forma de agradecimento. Pessoa de sexo feminino, nunca, porque **obrigadão** é termo masculino.

E você sabe qual a razão do **obrigado**?

Trata-se de uma forma de o homem ou mulher informar a quem lhe prestou o favor ou gentileza que se sente **obrigado** ou **obrigada** com ela. É como se afirmasse: *Você me fez um favor e eu me sinto obrigado (ou obrigada) a retribuí-lo.*

Por isso, a resposta ao **obrigado** deve ser **por nada**. É como se você dissesse: *Não se sinta obrigado por nada, por coisa nenhuma.* O mais comum é usar **de nada**, que alguns autores, porém, condenam como espanholismo. Quanto a **obrigado eu** ou **obrigada eu**, que algumas pessoas usam, são formas possíveis, porém um tanto rebuscadas.

Obrigado você é que não tem sentido. Quem recorre a essa expressão na verdade está determinando que alguém se sinta obrigado ou reconhecido, manifestações que, obviamente, devem ser espontâneas.

Lembre-se ainda de que **obrigado**, além de feminino, tem plural. Portanto, se um homem responde **obrigado**, dois ou mais dirão **obrigados**: *Obrigados (ou muito obrigados) pela atenção.* Da mesma forma, o **obrigada** de uma mulher vira **obrigadas** quando se trata de duas ou mais: *Obrigadas (ou muito obrigadas) pelo favor.*

Existe apenas uma possibilidade de mulher usar **obrigado**: quando a palavra está transformada em substantivo. Veja como: “*O meu solene obrigado*”, disse a moça. / *Elas não deixaram de dar o seu obrigado.* / *A todos o nosso melhor muito obrigado.*

Ficou complicado? Nem tanto.

Repare que nos três casos **obrigado** pode ser substituído por **agradecimento**: “*O meu solene agradecimento*”, disse a moça.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 19. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

De alma desperta

“Por isso te lembro despertes o dom de Deus que existe em ti.” - Paulo (II Timóteo, 1:6.)

É indispensável muito esforço de vontade para não nos perdermos indefinidamente na sombra dos impulsos primitivistas.

À frente dos milênios passados, em nosso campo evolutivo, somos suscetíveis de longa permanência nos resvaladouros do erro, cristalizando atitudes em desacordo com as Leis Eternas.

Para que não nos demorem no fundo dos precipícios, temos ao nosso dispor a luz da Revelação Divina, dádiva do Alto, que, em hipótese alguma, devemos permitir se extinga em nós.

Em face da extensa e pesada bagagem de nossas necessidades de regeneração e aperfeiçoamento, as tentações para o desvio surgem com esmagadora percentagem sobre as sugestões de prosseguimento no caminho reto, dentro da ascensão espiritual.

Nas menores atividades da luta humana, o aprendiz é influenciado a permanecer às escuras.

Nas palestras comuns, cercam-no insinuações caluniosas e descabidas. Nos pensamentos habituais, recebe mil e um convites desordenados das zonas inferiores. Nas aplicações da justiça, é compelido a difíceis recapitulações, em virtude do demasiado individualismo do pretérito que procura perpetuar-se. Nas ações de trabalho, em obediência às determinações da vida, é, muitas vezes, levado a buscar descanso indevido. Até mesmo na alimentação do corpo é conduzido a perigosas convocações ao desequilíbrio.

Por essa razão, Paulo aconselhava ao companheiro não olvidasse a necessidade de acordar o “dom de Deus”, no altar do coração.

Que o homem sofrerá tentações, que cairá muitas vezes, que se afligirá com decepções e desânimos, na estrada iluminativa, não parece dúvida para nenhum de nós, irmãos mais velhos em experiência maior; entretanto, é imprescindível marcharmos de alma desperta, na posição de reerguimento e reedificação, sempre que necessário.

Que as sombras do passado nos fustiguem, mas que jamais nos esqueçamos de reacender a própria luz.



Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz